

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

ANÁLISE DA DICOTOMIA SOFRIMENTO E PRAZER NA  
CONSTRUÇÃO CIVIL

POR JOSÉ TEJADA

Dissertação de mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-graduação em  
Administração como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Mestre em  
Administração.

Opção curricular: Organizações.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Mazzilli

Porto Alegre, agosto de 2001.

## **AGRADECIMENTOS**

Muitas pessoas tornaram possível esse trabalho, assim como tiveram colaboração fundamental através de seu apoio, compreensão e carinho. Todos, sem exceção, foram importantes para a concretização desse estudo e merecem por parte de mim eterna gratidão e respeito.

Primeiramente, um agradecimento especial à minha mãe que, em todos os momentos difíceis, me deu apoio tanto em forma de carinho como material sem o qual o trabalho, hoje, não seria uma realidade.

Também devo registrar um agradecimento especial à Liliane, que soube entender a importância desse trabalho para a minha carreira demonstrando sempre muita compreensão, amor e carinho.

Ao meu amigo e professor Cláudio Mazzilli, que é o idealizador desse trabalho e que, através de sua competência, dedicação e incentivo tem uma parcela muito grande na elaboração do mesmo.

Aos meus queridos alunos e ex-alunos que me inspiraram e me motivaram para que eu tivesse forças para prosseguir na jornada apesar das dificuldades, vai o meu reconhecimento e agradecimento especial.

Aos operários da construção que participaram desse estudo também vai minha gratidão e reconhecimento.

À direção e aos funcionários da Fundação Evangélica de Novo Hamburgo, local onde leciono atualmente, também agradeço.

Finalmente, ao meu querido e falecido pai, pelo seu exemplo em vida, tanto profissional como pessoal, e pelos valores transmitidos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1-	Indicadores de Desempenho da Economia Setorial da Indústria da Construção Civil Gaúcha.....	47
Tabela 1-	Demonstrativo da faixa etária dos entrevistados.....	77
Tabela 2-	Demonstrativo do estado civil dos operários.....	77
Tabela 3-	Demonstrativo do tempo de serviço em obra.....	77
Quadro 2-	Processo de derivação das categorias.....	78
Quadro 3-	Processo de derivação da categoria intermediária “O grupo de trabalho”.....	99
Quadro 4-	Processo de derivação da categoria intermediária “ Ambiente de trabalho no canteiro”.....	100
Quadro 5-	Processo de derivação da categoria intermediária “Atrativos do trabalho em obra”.....	101
Quadro 6-	Processo de derivação da categoria intermediária “O risco em obra”.....	102
Quadro 7-	Processo de derivação da categoria intermediária “O estigma do operário da construção civil”.....	102
Quadro8-	Processo de derivação da categoria intermediária “Espaço reduzido de criatividade”.....	103
Quadro9-	Processo de derivação da categoria intermediária “Aspectos a melhorar em obra”.....	104
Quadro10-	Processo de derivação da categoria intermediária “Opção pelo	

trabalho em obra”.....	105
Quadro 11- Processo de derivação da categoria intermediária “Pensamentos a caminho da obra”.....	106
Quadro 12- Processo de derivação da categoria intermediária “Espaço reduzido de criatividade”.....	106
Quadro 13- Processo de derivação da categoria final “Prazer gerado pelo trabalho em obra”.....	107
Quadro 14- Processo de derivação da categoria final “Sofrimento gerado pelo trabalho em obra”.....	108
Quadro 15- Processo de derivação da categoria final “O significado do trabalho”.....	110

**LISTA DE SIGLAS**

EPI	- Equipamento de Proteção Individual
IAC-RS	- Índice de Atividade da Construção Civil Gaúcha
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPE-UFRGS	- Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Fundopem	- Fundo Operação Empresa
IPC	- Índice de Preços ao Consumidor
IPEA-RS	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PIB	- Produto Interno Bruto
RS	- Rio Grande do Sul
SINDUSCON-RS	- Sindicato da Indústria da Construção Civil do Rio Grande do Sul

**LISTA DE ABREVIATURAS**

$A_{real}$	- Área real global
HH	- Homens-hora
HHR	- Número de homens-horas de retrabalho
HHT	- Número total de horas
$I_{prod}$	- Índice de produtividade por serviços
IR	- Índice de retrabalho
NOA	- Número de observações com atividades auxiliares
NOI	- Número de observações com atividades improdutivas
NOP	- Número de observações com atividades produtivas
$Q_{serv}$	- Quantidade de serviço produzida
$T_{aux}$	- Tempos auxiliares
$T_{imp}$	- Tempos improdutivos
$T_{prod}$	- Tempos produtivos

## SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL.....	19
1.1 A administração científica de Frederick Taylor.....	20
1.2 A psicopatologia do trabalho.....	28
1.3 Análise de jornada do trabalho na construção civil.....	35
1.4 Conclusões.....	41
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	46
2.1 Delimitação da situação problemática.....	46
2.1.1 Nível de atividade permanece estável.....	47
2.1.2 Análise do produto interno bruto (PIB) .....	48
2.1.3 Análise do consumo de cimento.....	48
2.1.4 Nível de Emprego.....	49
2.1.5 A recuperação do nível de emprego.....	49
2.1.6 O volume de negócios.....	50
2.1.7 As obras públicas e industriais.....	51
2.1.8 O salário real médio do setor.....	52
2.1.9 Índices de produtividade da construção civil.....	53
2.1.9.1 Índices de produtividade por serviços .....	53
2.1.9.2 Índice de produtividade global da obra.....	56
2.1.9.3 Tempos produtivos, improdutivos e auxiliares.....	58
2.1.9.4 Índice de retrabalho.....	60
2.1.10 Perspectivas para o setor.....	61
2.2 Problema de pesquisa.....	63
2.3 Objetivos.....	64
2.4 Método de pesquisa.....	65
2.4.1 Histórico da empresa.....	66
2.4.1.1 Objetivo.....	66



2.4.1.2 serviços prestados.....	67
2.4.2 População e amostra.....	67
2.4.3 Coleta de dados.....	68
2.4.4 Análise de dados.....	69
2.4.4.1 Pré-análise.....	71
2.4.4.1.1 Leitura flutuante.....	71
2.4.4.1.2 Escolha dos documentos.....	71
2.4.4.1.2.1 Regra da exaustividade.....	71
2.4.4.1.2.2 Regra da representatividade.....	72
2.4.4.1.2.3 Regra da homogeneidade.....	72
2.4.4.1.2.4 Regra da pertinência.....	72
2.4.4.1.3 Formulação das hipóteses e objetivos.....	72
2.4.4.1.4 Referenciação dos índices e elaboração dos indicadores.....	73
2.4.4.1.5 Preparação do material.....	73
2.4.4.2 Exploração do material.....	73
2.4.4.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.....	74
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	76
3.1 Coleta de dados.....	76
3.2 Análise do conteúdo das entrevistas.....	78
3.3 Análise das categorias iniciais.....	79
3.4 Análise das categorias intermediárias.....	99
3.5 Análise das categorias finais.....	107
CAPÍTULO 4 - CONCLUSÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125

## RESUMO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória-descritiva que busca analisar em uma empresa do ramo da construção civil a dicotomia sofrimento e prazer presente no canteiro de obras no processo de execução de estrutura de um edifício, cujo problema de pesquisa constitui-se em saber quais os fatores que causam sofrimento e prazer no processo de execução de estrutura em uma empresa de construção civil situada no Vale do Sinos. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas com quinze operários de obra. Para a análise dos dados coletados, utilizou-se a metodologia da análise de conteúdo, na modalidade de análise temática. Os resultados são apresentados em três conjuntos de categorias: dezoito categorias iniciais, posteriormente reagrupadas em dez categorias intermediárias e, por último, sintetizadas nas categorias finais: prazer gerado pelo trabalho em obra, sofrimento gerado pelo trabalho em obra e o significado do trabalho. Os resultados obtidos mostram por que os operários apreciam o trabalho em obra e as dificuldades enfrentadas por eles no canteiro e que são motivo de medo, angústia e ansiedade. Fica claro a importância da interação do grupo de operários a fim de que seja maximizada a produtividade no canteiro, assim como a necessidade do engenheiro de melhorar seu relacionamento

com os operários no canteiro com o intuito de aumentar a motivação do operário e sua conseqüente produtividade. Finalmente, constata-se que, mesmo estando presente um trabalho tipicamente taylorista no canteiro, que não privilegia a atividade de concepção nem o espírito criativo do operário, os operários conseguem obter momentos de prazer em seu trabalho, visto que a interação do grupo de operários na obra faz com que gostem do trabalho no canteiro apesar das dificuldades enfrentadas.

## **ABSTRACT**

This study is characterized as an explanatory-descriptive research which intends to analyse the pleasure-suffering dicotomy in a process of structure execution of a building in a construction.

The aim of the research was to find out which factors cause pleasure and which cause suffering in the process of structure execution in a construction organization situated in Vale dos Sinos.

The data was collected through semi-structured interviews with fifteen construction workers. In order to analyse this data a methodology of content analysis was used which was based on the thematic observation of the text. The results are presented in three groups of categories: eighteen basic categories which were then re-grouped into ten intermediate ones and finally synthetized into three final categories: pleasure generated by working in construction, suffering caused by working in construction and the meaning of work.

The results show why the workers enjoy working in a building as well as the difficulties they must face which cause them fear, a nguish and anxiety.

The importance of the group of workers' interaction is obvious in order to expand the productivity in the building as well as the necessity of the engineer to improve his/her relationship with the workers aiming to increase their motivation and consequently their productivity.

Finally, it has been verified that although there was a Taylor's work in the construction, which was neither a privilege in the activity of conception, nor in the workers' creativity, the workers can have moments of pleasure in their work, since interaction of the group of workers in the construction makes them enjoy their work in the building despite all difficulties.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo geral a determinação dos fatores que causam sofrimento e prazer no processo de execução de estrutura em uma empresa de construção civil situada no Vale do Sinos.

Pensa-se, com base na experiência na execução de obras, que a dicotomia sofrimento e prazer está muito presente no processo de execução de estrutura <sup>1</sup> de um edifício na construção civil, pois o mesmo, apesar de fundamentado na administração científica de Taylor (divisão de homens/tarefas, especialização de tarefas) e apresentar riscos consideráveis à integridade física dos operários envolvidos, gera um certo “orgulho” por parte dos operários em pertencer a essa categoria de trabalhadores. As expressões muitas vezes ouvidas no canteiro de obras, como: *“Construção é coisa pra macho!”* ou *“Isso não é pra qualquer um!”* retratam fielmente esse sentimento.

A organização do trabalho em questão, como foi referido acima, estabelece

---

<sup>1</sup> Processo de execução de estrutura consiste na construção das fundações, pilares, lajes e vigas de uma obra de construção civil, no caso em questão, um edifício.

uma clivagem entre concepção e execução, em que os operários apenas executam aquilo que foi planejado por suas chefias.

Por isso conclui-se que o ambiente de trabalho na construção civil não privilegia uma atividade de concepção, até mesmo colocando na ilegalidade qualquer tentativa nesse sentido.

Outro aspecto marcante no processo de execução de estrutura de um edifício é o medo que o mesmo apresenta. É de conhecimento geral os consideráveis riscos presentes na execução desse trabalho, em que muitos acidentes fazem vítimas fatais entre os operários. O medo também é objeto de estudo neste trabalho, bem como sua relação com a produtividade dos operários no canteiro de obras<sup>2</sup>.

Juntamente com o medo pode-se verificar a existência de estratégias defensivas e suas conseqüências em relação à produtividade, ao desenvolvimento da criatividade dos operários e ao ambiente de trabalho no canteiro de obras.

Em contrapartida, como referido anteriormente, nota-se um certo orgulho nos operários por trabalharem em um ambiente que envolve constantes riscos à segurança física e onde a carga de medo envolvida no trabalho deve ser superada para que o trabalho possa ser executado adequadamente. Na verdade, conforme Dejours (1992, p.70), "... os trabalhadores, às vezes, acrescentam ao risco do trabalho o risco de performances pessoais e de verdadeiros concursos de habilidade e de bravura".

A experiência profissional de quatro anos como engenheiro na execução de obras, acompanhando o dia-a-dia dos operários da construção civil foi o que motivou este estudo. Acredita-se que o campo da construção civil, mais especificamente o de execução de estruturas, é um cenário muito propício para uma abordagem psicanalítica a respeito da organização do trabalho, da estrutura de personalidade do operário e da dicotomia sofrimento e prazer envolvida no processo de trabalho em questão.

A partir disso, interessa saber se, apesar da organização do trabalho lembrar muito o sistema taylorista<sup>3</sup> (tanto em relação à divisão de tarefas como em relação à divisão de homens), o operário ainda terá condições de descarregar eficazmente sua carga psíquica<sup>4</sup>, a fim de que ele obtenha prazer em função da realização de seu trabalho, ou seja, obtenha uma ressonância simbólica, segundo Dejours (1992, p. 167) “ o quadro humano que tornaria possível a utilização da imaginação, da criatividade e da iniciativa operárias .”

Outro aspecto a ser verificado é a existência ou não de estratégias defensivas que se podem constituir, em alguns casos, até em ideologias. Segundo Dejours (1992, p.72) “A ideologia defensiva é funcional a nível de grupo, de sua coesão, de sua coragem, e é funcional também a nível do trabalho; é a garantia

---

<sup>2</sup> Canteiro de obras - espaço ao redor de uma construção onde os operários realizam serviços auxiliares.

<sup>3</sup> Sistema taylorista – sistema em que a organização do trabalho é baseada na especialização dos operários e na divisão entre execução e planejamento.

<sup>4</sup> Carga psíquica – é a carga exercida pela execução do trabalho (tarefas) relativa às faculdades intelectuais e morais do trabalhador.



produtividade. É necessário compreender que as resistências individuais ao prazer acompanham resistências coletivas, no centro das quais se encontram as ideologias coletivas de profissão.”

A partir disso, pode-se determinar quais os fatores desencadeantes da dicotomia sofrimento e prazer no processo de execução de estrutura de um edifício em uma empresa de construção civil no Vale do Sinos.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral, através de um estudo exploratório-descritivo, obter, com base nos depoimentos dos operários no canteiro de obras, dados que possibilitem identificar a influência na dicotomia do sofrimento e prazer no processo de execução de um edifício na construção civil.

Como objetivos específicos, pode-se citar a análise do espaço de criatividade no trabalho em obra, a verificação de estratégias defensivas no canteiro, assim como a ocorrência da ressonância simbólica no processo do trabalho em questão.

É importante salientar que o presente estudo é o primeiro realizado no Rio Grande do Sul enfocando a dicotomia sofrimento e prazer na construção civil.

Por fim, o estudo visa dar uma pequena contribuição no sentido da transformação da organização do trabalho na construção civil a fim de minimizar os possíveis sistemas defensivos, através de uma melhor saúde mental no trabalho.

A seguir, no capítulo 1, faz-se uma análise da organização do trabalho na

construção civil, abordando a administração científica de Frederick Taylor, a psicopatologia do trabalho, a análise dejouriana do trabalho na construção civil, tecendo, por fim, algumas conclusões.

No capítulo 2, aborda-se a metodologia que envolve o problema de pesquisa, objetivos do estudo, situação problemática e o método de pesquisa.

No capítulo 3, por sua vez, analisam-se os resultados obtidos no trabalho de campo, como a determinação das categorias iniciais, intermediárias e finais.

Finalmente no capítulo 4, apresentam-se as conclusões finais a respeito do presente estudo com base no referencial teórico estudado.

## **CAPÍTULO 1 - ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL**

O objetivo deste capítulo é de propiciar um primeiro contato com a organização do trabalho presente na construção civil, enfatizando a divisão do trabalho – tarefas, cadência, divisão de homens – hierarquia, comando e controle.

Na realidade, caracteriza-se, neste trabalho, o processo de execução de estrutura de um edifício como um sistema muito semelhante ao proposto pela administração científica de Frederick Taylor (1990).

Além disso, o capítulo tem como um segundo objetivo estabelecer definições de alguns conceitos que estão muito presentes neste estudo, como sofrimento criativo, sofrimento patológico, ressonância simbólica, sublimação, ideologia defensiva, atividade fantásmica.

O terceiro objetivo do capítulo é fazer uma análise da dicotomia sofrimento e prazer presente no processo de execução de estrutura de um edifício na construção civil com base nos estudos dejourianos.

Por fim, tecem-se algumas conclusões com relação ao referencial teórico adotado.

### **1.1 A Administração científica de Frederick Taylor**

De acordo com Silva (1987), ainda que Frederick Winslow Taylor seja classificado profissionalmente como engenheiro metalúrgico, ele foi acima e antes de tudo um engenheiro social. A administração científica, cujos princípios descobriu e formulou a partir da análise do trabalho fabril, representa uma das grandes invenções sociais de todos os tempos. As idéias de Taylor afetaram sobremaneira os costumes, a produção e distribuição de bens, convenções e valores do povo americano que seria impossível isolar e identificar todas as repercussões, o volume e a intensidade de sua influência. Se existe nos Estados Unidos de hoje, tanto na agricultura como na indústria, nas repartições públicas, escritórios, consultórios e outros locais de trabalho, um sentido orientador de busca de eficiência e uma preocupação dominante com a produtividade, isso deve-se principalmente ao impacto do taylorismo.

Esse engenheiro americano procurou aplicar obstinadamente, durante quase toda a sua vida, a precisão no que se refere à execução de tarefas na organização industrial.

Taylor (1990) separou claramente os papéis diretivos dos executivos, sendo que os papéis executivos foram classificados, cronometrados e prescritos, sem deixar qualquer margem à discricção.

Segundo De Masi, (2000, p.129), “Com Taylor, o cronômetro entra na fábrica, apodera-se dela, regula-a e domina-a.”

Taylor (1990) pregava que uma organização projetada cientificamente poderia resolver, a um só tempo, tanto os desejos dos proprietários como dos trabalhadores, conciliando altos salários e baixo custo de mão-de-obra, tornando os homens mais eficientes e, por consequência, mais felizes e mais prósperos.

Em 1899, Taylor expôs seus princípios necessários para uma boa gestão. Independentemente da hierarquia do trabalhador, ele deve respeitar as seguintes condições:

a) resultado e o objetivo que se querem obter devem ser claramente definidos e devem manter-se no âmbito das próprias capacidades;

b) cada um deve ter a capacidade de atingir esse resultado, incluindo, para isso, a necessária autoridade e responsabilidade pessoal;

c) em caso de sucesso, cada um deve estar seguro de receber plena satisfação e remuneração adequada;

d) em caso de insucesso, cada um deve estar pronto para assumir a responsabilidade e a justa punição;

Antes do sistema taylorista, vigorava o sistema de iniciativa e incentivo. A iniciativa era toda do operário, ele realizava seu próprio treinamento através de

sucessivas tentativas de erro e acerto. Esse treinamento consistia em escolher suas próprias ferramentas, sendo que o próprio operário determinava sua produção diária. Em contrapartida, a gerência concedia incentivos sob a forma de pagamentos iguais para todos os operários sem levar em conta a maior ou menor produção diária de cada um.

Taylor identificou vários problemas nesse método, como a falta de padronização de métodos de trabalho, ausência de padronização das ferramentas, pagamentos iguais para todos os operários independentemente de sua produtividade, além de vadiagem no serviço.

A partir disso, Taylor propôs uma série de soluções para os problemas verificados como a de que o pagamento deveria ser feito em função da produção de cada um (pagamento por produtividade).

Taylor separava os melhores em cada tarefa e, através do estudo de tempos e movimentos, procurava eliminar todos os movimentos desnecessários, assim, ele determinava a melhor maneira de executar determinada tarefa através da adoção de parâmetros (padrões).

Além disso, Taylor desenvolveu ferramentas adequadas para a realização das tarefas e selecionou cientificamente seu operário. A seleção científica do operário consistia em selecionar para as tarefas as pessoas mais adequadas, sendo que as pessoas eram treinadas, assistidas e auxiliadas na execução das mesmas.

Taylor também pagava salários maiores que os de mercado (de 30% a 100%). Dessa forma, sempre que o operário conseguisse um *plus* em sua produção diária, ele era recompensado com uma gratificação (pagamento por produtividade).

Enfim, a administração científica era baseada na divisão de trabalho entre a gerência e os trabalhadores (planejamento e execução).

A partir disso, abordam-se os princípios fundamentais da administração científica de Taylor.

a) *Princípio de planejamento*: substituir no trabalho o critério individual do operário, a improvisação e a atuação empírico-prática, pelos métodos baseados em procedimentos científicos, ou seja, substituir a improvisação pela ciência, através do planejamento do método.

b) *Princípio de preparo*: selecionar cientificamente os trabalhadores de acordo com suas aptidões, prepará-los e treiná-los para produzirem mais e melhor de acordo com o método planejado. Além do preparo da mão-de-obra, preparar também as máquinas e equipamentos de produção, bem como o arranjo físico e a disposição racional das ferramentas e materiais.

c) *Princípio do controle*: controlar o trabalho para se certificar de que o mesmo está sendo executado de acordo com as normas estabelecidas e segundo o plano previsto. A gerência deve cooperar com os trabalhadores para que a

execução seja a melhor possível.

d) *Princípio da execução*: distribuir distintamente as atribuições e as responsabilidades, para que a execução do trabalho seja melhor disciplinada.

É interessante citar o trabalho de Frank B. Gilbreth<sup>5</sup> (apud Taylor, 1990) que aplicou o sistema de administração científica ao ofício de pedreiro.

Passou-se muito tempo quando, praticamente, não foram registrados progressos significativos em relação às ferramentas e materiais usados bem como, no processo de assentamento de tijolos.

Frank B. Gilbreth interessou-se na aplicação dos princípios da administração científica nesse setor. Inicialmente, fez uma análise detalhada de cada fase do trabalho do pedreiro eliminando, um a um, todos os movimentos desnecessários e substituindo os movimentos lentos por outros rápidos. Além disso, fez experiências com cada fator que influenciasse de alguma forma a rapidez e a fadiga do pedreiro. Com isso, Gilbreth foi capaz de fixar a posição exata que deveria ocupar cada pé do pedreiro, em relação à parede, ao balde de argamassa, à pilha de tijolos a fim de evitar qualquer passo desnecessário entre a pilha de tijolos e a parede todas às vezes que se assentava um tijolo.

---

<sup>5</sup> Engenheiro norte-americano, nascido em 1868, foi o pioneiro da análise dos movimentos, a que aliou a medida do tempo, cuja aplicação sistemática no trabalho se deve a Taylor e seus colaboradores. Inventou o processo de fixar os movimentos e tempos por meio de filmagem. Seu processo cronocilográfico permite, com pequena lâmpada atada na parte que se move, traçados luminosos que indicam a direção, extensão e tempo do movimento realizado; este último pelo número de pontos luminosos, correspondente cada qual a certa fração de segundo.



A partir disso, Gilbreth estudou a melhor altura para o balde de argamassa e a pilha de tijolos, planejando um andaime sobre o qual deveria ser posto todo o material, de modo que tanto os tijolos como o balde, o operário e a parede estivessem em posições relativamente confortáveis. Os ajustes de todos os andaimes eram feitos por outro operário, especialmente treinado, à medida que a parede era construída, a fim de que o pedreiro economizasse o esforço de agachar-se muito para apanhar os tijolos, a argamassa e se levantar-se em seguida.

Além disso, através de estudos complementares, todos os tijolos eram colocados com sua face melhor para cima por outro operário sobre uma armação simples de madeira, construída de tal modo que tornava mais fácil, para o pedreiro, pegar os tijolos mais rapidamente e em posição mais vantajosa, dispensando o exame do tijolo por todos os seus lados antes de ser assentado, poupando também tempo em decidir qual parte deveria ficar para o lado de fora da parede.

Em geral, também se economizava o tempo consumido em desembaraçar os tijolos empilhados fora de ordem sobre o andaime. Esse *pack* (pacote) de tijolos era colocado na posição mais adequada, em andaime adaptado e junto à caixa de argamassa.

Gilbreth também verificou que, combinando adequadamente os diversos componentes da argamassa, os tijolos poderiam ser facilmente colocados na posição exata somente com o peso da mão de quem os assentava.

Através de estudos minuciosos, Gilbreth reduziu os movimentos para a colocação de cada tijolo, de 18 para 5 e, em um caso apenas, a dois movimentos.

Essa redução de movimentos foi conseguida por Gilbreth graças a três recursos:

primeiro – supressão de certos movimentos que os pedreiros acreditavam ser necessários, mas que estudos e ensaios demonstraram ser inúteis;

segundo – introdução de dispositivos simples, tal como andaime deslocável e grade para colocar tijolos, por meio dos quais, com a colaboração do operário, ele eliminou uma série de movimentos cansativos e demorados efetuados pelo pedreiro;

terceiro – Gilbreth ensinou os pedreiros a fazerem movimentos simultâneos e simples com as duas mãos, ao invés de usar primeiro uma mão e depois a outra.

Esses três aperfeiçoamentos revelam como, ao ser aplicado o estudo científico dos movimentos, ou, segundo Gilbreth, o estudo do tempo nos ofícios, os movimentos inúteis podem ser suprimidos e os mais lentos substituídos por movimentos mais rápidos.

Por fim, fazendo uma análise crítica da administração científica de Taylor, pode-se dizer que a obra de Frederick Taylor deve ser avaliada pela importância de aplicação de uma metodologia sistemática na análise e na solução dos problemas

da organização de baixo para cima. Taylor foi o pioneiro em fazer uma análise completa do trabalho, inclusive no uso do estudo de tempos e movimentos, além de estabelecer padrões precisos de execução. Taylor também procurou especializar o pessoal, inclusive o de chefia através da seleção e treinamento criteriosos.

De acordo com Araújo Santos (1992, p.68) “Taylor tem como ponto de referência básico a produtividade do trabalhador braçal a ser treinado e desenvolvido como um atleta”.

Segundo Chiavenato (1983), um dos pontos negativos da teoria de Taylor seria o de não dar a devida importância a alguns aspectos humanos da organização como o pequeno grupo social, esquecendo, às vezes, que o trabalhador é também um ser social e precisa ter liberdade para poder usar seu potencial criativo em prol da organização. Ainda de acordo com Chiavenato (1983), outro aspecto passível de crítica é o fato de que a administração científica teria um sentido mecanicista, tratando o trabalhador como um autômato (robô) com relação à execução de suas tarefas.

Entretanto para Araújo Santos (1992, p.67),

“Taylor pretendia uma reforma profunda na atitude mental. No entanto, seu método concebido ainda na época da enorme importância do trabalho braçal, exagerava a diferença entre o homem talhado para atividade manual, a quem ele denomina de “tipo bovino”, e o homem talhado para a atividade “intelectual” ou de direção: o homem que planeja e supervisiona o cumprimento das tarefas. O grande defeito de seu método era o de levar ao extremo a separação entre duas classes de homens: os que pensam, mandam e dominam, de

um lado; e os que obedecem e trabalham como máquinas (ou animais), de outro lado.”

Também a limitação do campo de aplicação tem sido objeto de crítica, pelo fato de a teoria limitar-se somente aos problemas do chão de fábrica, omitindo as demais áreas da empresa, bem como outros tipos de organizações.

Além disso, a abordagem de sistema fechado constitui-se também em outra limitação da teoria, pois pressupõe as empresas como entidades autônomas, absolutas e fechadas a qualquer influência vinda do meio externo.

Finalizando, conclui-se que Taylor, na verdade, foi um revolucionário em relação à organização industrial, já que foi um dos primeiros a pensar em qualidade na produção, tanto que, até hoje, muitos de seus princípios são aplicados em quase todo tipo de organização. De acordo com Araújo Santos (1994, p.25), “O elemento histórico diferencial, distanciando a filosofia de Taylor da atual filosofia da qualidade total, seria a ênfase, hoje, na participação também dos operadores no planejamento de suas tarefas. Fora isso, Taylor pode tranquilamente ser considerado como um precursor do movimento pela qualidade total.”

Com base nisso faz-se a seguir um estudo sobre a psicopatologia do trabalho, baseado nos estudos de Christophe Dejours e Elizabeth Abdoucheli (1994), que tratam sobre a dicotomia sofrimento prazer presente na organização do trabalho.

## **1.2 A psicopatologia do trabalho**

Para Dejours & Abdoucheli (1994, p.42),

“A organização do trabalho aparece na clínica psicopatológica como a expressão característica da violência que pode implicar uma generalização na ordem da técnica e não mais da teoria, como era o caso anteriormente, quando ela se abate sobre os trabalhadores que não podem ser mais sujeitos de seu comportamento.”

Considera-se aqui organização do trabalho como o modo operatório prescrito (divisão do trabalho – tarefas, cadência, divisão de homens - hierarquia, comando, controle).

A partir disso, a psicopatologia do trabalho tem como objeto de pesquisa, primeiramente, o que no trabalho está oposto ao desejo.

Os estudos de Dejours (1992) revelam que as pressões do trabalho que põem em jogo o equilíbrio psíquico e a saúde mental originam-se da organização do trabalho, por outro lado, as condições físicas do trabalho (barulho, temperatura, vibrações, etc.), as condições químicas (poeira, vapores, gases, etc.) e biológicas (vírus, bactérias, fungos, etc) atacam o corpo físico propriamente dito.

Em contrapartida, o trabalho pode também ser fonte de prazer e provedor de saúde para o trabalhador. Isso ocorre quando, na luta contra o sofrimento, o trabalhador consegue elaborar soluções originais que vão em direção da saúde e do aumento de produtividade. Esse tipo de sofrimento é chamado de sofrimento criativo. Porém, quando o trabalhador não consegue encontrar soluções criativas na luta contra seu sofrimento aparece aí o sofrimento patogênico.

Segundo Dejours & Abdoucheli (1994, p.127),

“Sofrimento patogênico é o que emerge quando todas as possibilidades de adaptação ou de ajustamento à organização do trabalho pelo sujeito, para colocá-la em concordância com seu desejo, foram utilizadas, e a relação subjetiva com a organização do trabalho está bloqueada.”

Através do trabalho, o operário engaja-se socialmente, transferindo questões herdadas de seu passado e de sua história afetiva. Por isso, a ressonância simbólica torna-se uma condição necessária para uma eficiente articulação da dicotomia singular (sofrimento singular, herança de sua própria história psíquica) com a sincronia coletiva (sofrimento atual originado do reencontro do operário com a situação do trabalho).

Conforme Dejours (1992, p.157) ,

“Esse ponto é essencial, porque em relação à produção e à qualidade do trabalho, a ressonância simbólica permite fazer o trabalho beneficiar-se da força extraordinária que a mobilização dos processos psíquicos nascidos do inconsciente confere. A ressonância simbólica é, por assim dizer, uma condição de reconciliação entre o inconsciente e os objetivos de produção.”

Na verdade, a ressonância simbólica procura manter o equilíbrio mental individual no momento da difícil confrontação entre o inconsciente composto por emoções (difusas) e o ambiente produtivo real.

O principal problema psicopatológico originado das pressões psíquicas é causado pela divisão do trabalho taylorista (concepção e execução). Na realidade, com essa separação entre concepção e execução, a administração científica ou administração de tarefas estabelece uma separação entre corpo e pensamento, desorganizando-se o próprio fundamento do ser humano no plano individual,

dificultando as bases para que haja uma cooperação no grupo de trabalho. Essa é a base da lógica da administração científica idealizada por Taylor (1990). Segundo Dejours, (1992) a lógica dessa postura gerencial é desmobilizar os trabalhadores e impedir que eles obtenham uma ressonância simbólica, isto é, o quadro que tornaria possível a utilização da imaginação, criatividade e da iniciativa operárias. Essa organização prescrita do trabalho gera sofrimento e defesas contra esse sofrimento interferindo na qualidade da produção e no espírito de cooperação entre os operários.

Por outro lado, a organização prescrita do trabalho induz, muitas vezes, os operários a introduzirem modificações, reajustamentos e, até mesmo, improvisações no plano de trabalho inicialmente previsto, ou seja, há uma violação de regras.

De outra forma, ocorre um ajustamento entre a organização prescrita do trabalho e a organização real do trabalho que é dado através de uma atividade de concepção. Para Dejours (1992, p.158) “É essa atividade de concepção que toma o lugar da atividade de experimentação ocupada outrora, na criança, pelo jogo”.

Logicamente, esse reajuste da organização prescrita do trabalho leva, muitas vezes, o operário a se colocar na ilegalidade, assumindo riscos. Em contrapartida, quando o operário encontra soluções através dessa atividade de concepção e obtém em troca reconhecimento social de seu trabalho, é também o sujeito sofredor, mobilizador de seu sofrimento que recebe esse reconhecimento subjetivo que colabora para o domínio de seu sofrimento e angústia. Esse reconhecimento

tem papel fundamental, pois se constitui na retribuição fundamental da sublimação, já que representa um importante papel na busca da identidade.

A partir disso, verifica-se que identidade e reconhecimento social como condição de sublimação conferem à primeira uma função essencial na saúde mental, pois a sublimação nada mais é do que um processo psíquico, através do qual as pulsões encontram uma saída dessexualizada no campo social através de um reconhecimento da qualidade do trabalho.

Não se torna difícil concluir que a organização prescrita do trabalho não se constitui num campo propício para a ocorrência da sublimação. Na verdade, trabalho e sublimação tornam-se fatores fundamentais no tocante à saúde mental.

De acordo com Dejours (1992), a sublimação é muito melhor distribuída do que a capacidade de construir uma economia erótica estável. Isso é verificado, pois existem pessoas que só conseguem manter-se equilibradas obtendo satisfações afetivas graças ao trabalho.

O bloqueio ao jogo sublimatório, muitas vezes, se dá, não pela incapacidade psíquica do operário, mas pelas condições organizacionais oferecidas à realização da atividade de ressonância simbólica. Conseqüentemente, o operário não se beneficia do trabalho para dominar o sofrimento e transformá-lo em criatividade através de uma atividade de concepção.

Conforme Dejours, (1992, p.160) “...a criatividade confere sentido porque ela



traz, em contrapartida ao sofrimento, reconhecimento e identidade ". Em outras palavras, o prazer no trabalho, obrigatoriamente, deriva do sofrimento.

A conclusão de Dejours (1992) é fundamentada na observação que apesar de as pessoas lutarem contra o sofrimento no trabalho, elas não procuram, por outro lado, situações de trabalho isentas de sofrimento, às vezes, odiando essas situações.

Na verdade, conclui-se que a natureza humana é propensa a enfrentar desafios já que o trabalho é um campo propício para jogar e rejogar com o sofrimento, com o intuito de que o mesmo se transforme em descobertas e criações interessantes. Conforme Dejours e Abdoucheli,(1994, p. 127) "O sofrimento implicará sobretudo um estado de luta do sujeito contra as forças (ligadas à organização do trabalho) que o empurram em direção à doença mental."

O verdadeiro problema enfrentado pela administração não consiste na eliminação do sofrimento, mas sim em propiciar condições aos operários gerirem seu sofrimento em proveito de si próprios e da organização através de sua produtividade.

Conforme Dejours e Abdoucheli (1994), o desafio real para a psicopatologia do trabalho consiste em definir as ações suscetíveis de modificar o destino de sofrimento e favorecer sua transformação (e não sua eliminação) em criatividade. "O sofrimento é inevitável e ubíquo<sup>6</sup>. Ele tem raízes na história singular de cada sujeito, sem exceção." (Dejours e Abdoucheli, 1994, p.137).

À medida que o rearranjo da organização prescrita do trabalho torna-se muito difícil, o operário acaba bloqueando sua atividade psíquica e fantásmica<sup>7</sup>. Com isso, ele recorre a estratégias defensivas, bem delineadas, com o objetivo de paralisar sua atividade psíquica espontânea. Por isso, muitos operários acelerando seu ritmo de trabalho paralisam seu funcionamento psíquico através da fadiga. A partir disso, há o surgimento do sofrimento psíquico que pode se transformar em padecimento físico.

Assim, a organização prescrita do trabalho é composta de zonas de indefinições que revelam sentimentos de apreensão e medo, tanto nos operários como na administração.

O medo é uma das dimensões da vivência dos trabalhadores quase sempre esquecida pela psicopatologia do trabalho. O medo que responde por um aspecto concreto da realidade e exige sistemas defensivos específicos, sendo muitos mal conhecidos até hoje.

É importante salientar que o medo está presente em todos os tipos de ocupações profissionais. Determinadas categorias são expostas a riscos relacionados à integridade física, como é o caso da construção civil, ou seja, riscos relacionados ao corpo do indivíduo.

---

<sup>6</sup> Ubíquo – que está ao mesmo tempo em toda parte.

<sup>7</sup> Atividade fantásmica – resultado da imaginação e do inconsciente.

O risco, na grande maioria das vezes, é exterior, inerente ao trabalho, enfim, independente da vontade do trabalhador.

### **1.3 Análise dejouriana do trabalho na construção civil**

Na construção civil, o risco, na maioria das situações de trabalho, é coletivo, visto que vários operários colaboram para a mesma tarefa.

Na verdade, mesmo o risco sendo combatido por determinadas medidas e regras de segurança, ele quase sempre conta com uma prevenção incompleta por parte da organização do trabalho, tanto por uma limitação de recursos para os investimentos necessários em segurança, como pelo mal conhecimento dos próprios riscos presentes. Nota-se que, na maioria das vezes, são usados apenas os aparelhos de proteção individual (EPI), sendo que apenas medidas de proteção coletiva poderiam reduzir de forma eficaz os riscos envolvidos; como exemplo de proteção de ordem coletiva, podem-se citar as telas de proteção ao longo dos andaimes.

Dessa forma, o risco residual, que não é completamente eliminado pela organização, deve ser assumido individualmente pelo operário.

Conforme Dejours, (1992, p.64), “O problema do medo no trabalho surge desta oposição entre a natureza coletiva e material do risco residual e a natureza individual e psicológica da prevenção a cada instante de trabalho”. Em contrapartida a esse medo e sua impressão dolorosa, que deve ser de qualquer forma assumida

individualmente, os trabalhadores elaboram defesas específicas. Como sinal indireto do medo pode surgir uma ideologia ocupacional defensiva.

Na construção civil, como se sabe, os perigos apresentam uma importância e um peso real que é de conhecimento geral. Além disso, constatam-se inúmeros acidentes que causam mortes e invalidez nos operários da construção civil.

Nota-se também uma forte resistência por parte dos operários em usar os equipamentos de proteção individual (EPI). À primeira vista pode parecer uma certa inconsciência deles e até, de uma certa maneira, haver um certo prazer em correr determinados riscos no canteiro de obras. Pode-se pressupor, então, que a psicologia dos operários da construção civil é caracterizada por um gosto pronunciado pelo perigo e pela performance física através de traços característicos de orgulho, rivalidade, virilidade, bravura, mas também de temeridade (inconsciência da realidade, ausência de disciplina, individualismo).

Na verdade, o desprezo, a ignorância e a inconsciência com relação ao risco são apenas uma fachada. De acordo com Dejours (1992, p.70), “A vivência do medo existe efetivamente, mas só raramente aparece à superfície, pois encontra-se contida, no mínimo pelos mecanismos de defesa”.

Na realidade, a consciência aguda do risco de acidente obrigaria o trabalhador a tomar tantas precauções individuais que ele se tornaria ineficaz do ponto de vista da produtividade.

Por outro lado, o medo é uma causa importante da inadaptação profissional na construção civil. Todas essas atitudes de negação e desprezo pelo perigo são uma simples inversão da afirmação relativa ao risco.

De acordo com Dejours (1992, p.70),

“É por isso que os trabalhadores, às vezes, acrescentam ao risco do trabalho o risco das performances pessoais e de verdadeiros concursos de habilidade e de bravura. Nestes testes rivalizam-se entre si, mas ao fazê-lo, tudo se passa como se fossem eles que criassem cada risco, e não mais o perigo que se abate sobre todos, independentemente de suas vontades. Criar uma situação ou agravá-la é de certo modo dominá-la. Esse estratagema tem um valor simbólico que afirma a iniciativa e o domínio dos trabalhadores sobre o perigo, não o inverso”.

A característica inicial desta fachada que é a pseudo-inconsciência do perigo resulta, na verdade, em um sistema defensivo que tem por objetivo controlar o medo. Uma segunda característica é seu caráter coletivo, pois esse sistema é partilhado por todas as categorias profissionais da construção civil.

De acordo com Dejours (1992, p.71),

“A eficácia simbólica da estratégia defensiva somente é assegurada pela participação de todos. Ninguém pode ter medo. Ninguém deve demonstrá-lo. Ninguém pode ficar à margem deste código profissional. Ninguém pode recusar sua contribuição individual para o sistema de defesa. Nunca se deve falar de perigo, risco, acidente, nem do medo. E estas instruções implícitas são respeitadas”.

É por todas essas razões que as campanhas de segurança e prevenção de acidentes encontram tanta resistência. Os operários bem sabem que, mesmo seguindo as normas de segurança, ainda assim, não estarão totalmente protegidos de possíveis acidentes. Com isso, obrigar aos operários o uso de equipamentos de

proteção individual é, antes de mais nada, lembrar-lhes a existência do perigo, tornando suas tarefas ainda mais difíceis pelo grau de ansiedade provocado.

O que existe na realidade é uma conduta deliberada, visando a suportar um risco que não seria completamente atenuado por medidas de segurança insuficientes em relação à importância do risco. Também nota-se que o sistema requer uma grande coesão e uma solidez à toda prova, constituindo-se em uma verdadeira ideologia característica da profissão, segundo Dejours (1992). Quando um trabalhador não consegue incorporar a ideologia defensiva da profissão por conta própria, se não consegue superar a própria apreensão, será obrigado a parar de trabalhar, pois seu grupo profissional elimina aquele que não consegue suportar o risco.

Para Dejours (1992, p.72),

“na construção civil, a ideologia é funcional em nível de grupo, de sua coesão, de sua coragem, e é funcional também em nível do trabalho, na verdade, é a garantia da produtividade. A aparente “inconsciência” dos operários (ausência de medo, imprudência) tem outro significado, pois, verdadeiramente, é o preço que deve ser pago a fim de superar a carga de medo que pressupõe o trabalho”.

Ainda conforme Dejours, (1992, p.72) “O grupo não somente efetua uma verdadeira seleção que garante o valor operacional de cada trabalhador que está no canteiro de obras, mas, por outro lado, defende-se do medo reavivado ao nível individual e ao nível coletivo pelo discurso e comportamento do medroso.”

Conclui-se que, na construção civil, existe uma ideologia defensiva com o objetivo implícito de negar o medo, pois, segundo Dejours (1992), o medo oriundo

de ritmos de trabalho ou de riscos originários das más condições de trabalho destrói a saúde mental dos trabalhadores de um modo progressivo e inelutável.

O consumo de bebida alcoólica acompanha essa ideologia. O álcool representa uma dose de energia nem tanto física mas principalmente psicológica que ajuda a enfrentar as condições em que o trabalho é executado.

Portanto para que configure-se uma ideologia defensiva torna-se necessário a participação de um grupo trabalhador, ou seja, um trabalho que exija uma divisão de tarefas entre os membros de uma equipe, o que se encaixa perfeitamente no processo de trabalho da construção civil (sistema taylorista). Concomitantemente podem ocorrer as chamadas lógicas defensivas adotadas pelos executivos que constroem, por sua vez, uma psicologia espontânea pejorativa, em que as imperfeições do sistema são imputadas àqueles que executam o trabalho. Isso ocorre sob a forma de uma condenação moral dos operários ou através da deploração de sua falta de formação.

Por outro lado, as estratégias defensivas adotadas pelos operários incluem o segredo e uma coesão do grupo a inimigos comuns.

Na verdade, as defesas coletivas surgidas com o objetivo inicial de lutar contra o sofrimento, oriundo das relações com a hierarquia, voltam-se contra os próprios operários. As ideologias defensivas favorecem, às vezes, ao enrijecimento das relações sociais de trabalho e a estabilização do individualismo, nem sempre eliminando os problemas relativos à organização do trabalho. Assim, o

individualismo desempenha uma desapropriação da inteligibilidade e do poder sobre o ato. Portanto, a partir de certo limite, o individualismo generalizado pode levar a uma completa desorganização no tocante à organização do trabalho, à qualidade, à produtividade e à segurança, ou seja, pode ocorrer uma desestruturação das relações de cooperação e de prazer no trabalho.

Para Dejours e Abdoucheli (1994, p.128),

“Prazer e sofrimento são vivências subjetivas, que implicam num ser de carne e um corpo onde ele se exprime e se experimente, da mesma forma que a angústia, o desejo, o amor, etc. Esses termos remetem ao sujeito singular, portador de uma história e, portanto, são vividos por qualquer um, de forma que não pode ser, em nenhum caso, a mesma de um sujeito para o outro. Parece, portanto, que vários sujeitos experimentando cada um por si um sofrimento único seriam capazes de unir seus esforços para construir uma estratégia defensiva comum.”

A fim de que o sofrimento possa ser transformado em iniciativa e mobilização criativa, é fundamental a criação de um espaço de discussão, onde as opiniões se tornem públicas. Em contrapartida, torna-se conveniente que esse espaço público de discussão tenha uma organização prescrita de trabalho com o intuito de ordenar o exercício da palavra.

Chega-se à conclusão que, sem dúvida, o trabalho é imprescindível para qualquer pessoa, pois determina a própria sobrevivência e condicionamento social do indivíduo. O trabalho constitui-se em um fator de equilíbrio e desenvolvimento do ser humano, já que possui um poder estruturante, tanto em nível de saúde mental como de saúde física.



Com relação à saúde mental, o principal perigo em relação a uma organização prescrita de trabalho consiste no subemprego das aptidões psíquicas, fantásmicas ou psicomotoras, que, por sua vez, bloqueiam a atividade psíquica. A partir disso, ocorre um bloqueio da energia pulsional que não permite a sensação de prazer no trabalho, pois ocorreu uma clivagem originada pela separação da atividade de concepção e execução, impedindo qualquer espaço para o exercício da criatividade e da superação do sofrimento. É importante salientar que é a criatividade que confere sentido, já que traz, em oposição ao sofrimento, reconhecimento social e identidade, que são condições essenciais à sublimação. Assim, o sofrimento adquire através da sublimação, um outro sentido.

Enfim, a sublimação parece ser a única opção para lidar de maneira racional com a carga emocional restante do sofrimento.

Segundo Dejours, (1992, p.139)

“É preciso compreender que as resistências individuais ao prazer acompanham resistências coletivas, no centro das quais se encontram, precisamente, as ideologias coletivas de profissão. É de um duplo movimento, de transformação da organização de trabalho e de dissolução dos sistemas defensivos que pode nascer uma evolução da relação saúde mental-trabalho.”

#### **1.4 Conclusões**

Analisando o referencial teórico, é importante frisar que, neste estudo, quando se está referindo à organização do trabalho, se está referindo ao modo operatório prescrito, ou seja, a divisão do trabalho que inclui a divisão de tarefas, cadência,

divisão de homens que são submetidos a uma hierarquia, comando e controle bem definidos.

Também é importante ter em mente que as pressões do trabalho, que colocam em jogo o equilíbrio psíquico e a saúde mental do trabalhador, provêm da organização do trabalho. Em contrapartida, as condições físicas do trabalho, como barulho, temperatura, vibrações, etc., juntamente com as condições químicas, como poeira, vapores, gases, e as condições biológicas, como vírus, bactérias e fungos, atacam diretamente o corpo físico propriamente dito.

Outra conclusão bastante importante é que o trabalho deriva obrigatoriamente do sofrimento. A escola dejouriana apresenta dois tipos de sofrimento: o sofrimento criativo e o sofrimento patogênico.

O sofrimento criativo se dá quando o trabalhador, na luta contra seu sofrimento, consegue elaborar soluções originais que vão em direção da saúde e do aumento da produtividade; em outras palavras, o trabalhador consegue desenvolver seu potencial criativo em favor do seu trabalho.

Por sua vez, o sofrimento patogênico ocorre quando o trabalhador não consegue encontrar soluções criativas na luta contra seu sofrimento, ou seja, as possibilidades de adaptação e de ajustamento à organização do trabalho não tiveram sucesso e a relação subjetiva com a organização do trabalho encontra-se bloqueada.

Torna-se também importante salientar que o trabalho é imprescindível a

qualquer pessoa, independentemente de sua natureza e de suas condições de realização. Na realidade, o trabalho determina a própria sobrevivência e o condicionamento social do indivíduo, sendo um fator de equilíbrio e desenvolvimento do ser humano, ou seja, pode ter um poder estruturante tanto do ponto de vista da saúde mental como da saúde física.

Entretanto, quando existe por parte do trabalhador um subemprego de suas aptidões (psíquicas, fantásmicas ou psicomotoras), bloqueando a descarga psíquica, ocorre a retenção da energia pulsional impedindo, por sua vez, o prazer no trabalho.

A clivagem entre corpo e pensamento, originada pela separação entre concepção e execução, proposta pelo sistema taylorista, ocasiona pressões psíquicas impedindo qualquer condição para o exercício da criatividade por parte do trabalhador. E é justamente a atividade de concepção que confere sentido, pois traz, em contrapartida ao sofrimento, reconhecimento social e identidade, como condição de sublimação, essencial no que tange à saúde mental do trabalhador.

A partir disso, acredita-se que o verdadeiro desafio da administração não se encontra na eliminação do sofrimento, pois o mesmo é inevitável e ubíquo e tem raízes na história singular de cada sujeito, mas sim em propiciar condições para os operários gerirem seu próprio sofrimento em proveito de si próprios e da organização através de sua produtividade.

De outra forma, conforme Dejours e Abdouchelli (1994), o desafio real para a

psicopatologia do trabalho está em definir ações suscetíveis de modificar o destino do *sofrimento* e favorecer, não sua eliminação, mas sua transformação em *criatividade*. Se a administração conseguir criar um ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade isso beneficiará não apenas o conjunto organizacional em termos de potencial inovador e a capacidade de enfrentar desafios e incertezas, como também será fundamental para o bem-estar psíquico do homem como ser organizacional.

Por isso, acredita-se que a administração deve dar uma atenção especial à busca desse ambiente propício ao desenvolvimento do potencial criativo (inovador) do homem organizacional (operário) no qual haja transparência, compartilhamento e a preocupação em formar e valorizar ele não mais como um simples recurso de produção para a organização.

De outra forma, a administração deve propiciar uma relação mais humana entre a organização e o trabalhador, em que ele ganhe espaço, dentro de seu ambiente de trabalho, para pensar, criar e participar, ou seja, a administração deve promover um processo de valorização do indivíduo como ser humano e de reconhecimento de suas potencialidades e de sua capacidade criativa com o intuito de propiciar uma maior abertura para que aprenda e consiga desenvolver novas habilidades.

Como, hoje, a inovação é considerada um dos mais importantes fatores de competitividade no mercado (Senge, 1998), torna-se fundamental que a organização identifique e reconheça que a origem da inovação reside na

criatividade de seus funcionários e que esta criatividade é influenciada, tanto positiva como negativamente, pelo ambiente criado pela própria organização.

## **CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA**

O presente capítulo objetiva, primeiramente, caracterizar e contextualizar o setor da construção civil no estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente, define-se o problema de pesquisa juntamente com os objetivos do estudo. Finalmente, aborda-se o método de pesquisa em questão e, com isso, definem-se população, amostra, coleta e análise de dados.

### **2.1 Delimitação da situação problemática**

Com base na contextualização, a seguir pretende-se fornecer dados e informações econômicas que retratem com fidelidade o desempenho da construção civil gaúcha no ano de 2000, possibilitando, assim, uma melhor compreensão da conjuntura setorial em questão. Com base nos dados contidos no quadro 1 inicia-se a análise.

INDICADOR	2000	1999	1998	1997
#IAC-RS	0,27%	-0,50%	0,71%	5,51%
*ÍNDICE DE EMPREGO:				
-global	10,88%	-12,56%	-16,06%	-4,62%
-obras públ. e priv.	-0,79%	-16,42%	-	-
-indústria imobiliária	18,90%	-9,69%	-	-
CONSUMO DE CIMENTO	-5,36%	1,19%	8,69%	14,30%
-NÚMERO DE TONELADAS	2.101.885	2.220.864	2.194.651	2.019.236
SALÁRIO NOMINAL MÉDIO	7,01%	5,08%	5,08%	8,02%
VARIAÇÃO % ACUMULADA IPC-POA	7,08%	11,69%	-1,35%	7,68%
***SALÁRIO REAL MÉDIO	-0,07	-5,92%	6,52%	0,32%
CUB-RS	7,13%	9,43%	3,98%	5,83%
-MATERIAIS	7,23%	14,01%	2,86%	3,67%
-MÃO-DE-OBRA	7,01%	5,08%	5,08%	8,02%

*Quadro 1 - Indicadores de desempenho da economia setorial da indústria da construção civil gaúcha*

Fontes: SINDUSCON-RS/SNIC/IEPE-UFRGS

\*Base: Mar/88 =100

\*\*\*Deflacionado pelo IPC-POA/IEPE-UFRGS

#IAC-RS = Índice de Atividade da Construção Civil Gaúcha

Salário Mensal Médio por categoria em Dez/2000. Servente: R\$246,40 / Pedreiro: R\$365,20

### 2.1.1 Nível de atividade permanece estável

De acordo com os dados estimados preliminarmente para o Índice de Atividade da Construção Civil Gaúcha(IAC-RS) para o fechamento de 2000, na sua série dessazonalizada, verifica-se que, na comparação do desempenho do ano 2000

ante 1999, há um tímido crescimento de 0,46%, indicando mais uma conjuntura de estabilidade ou até mesmo de estagnação, uma vez que em 1999 o IAC-RS registrou queda de 0,50% e, em 1998, um pequeno crescimento de 0,71%.

### **2.1.2 Análise do produto interno bruto (PIB)**

Para o País, segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada -IPEA-RJ, o PIB da Construção apresentou crescimento de 2,7% nos primeiros nove meses de 2000 comparativamente a igual período do ano anterior. Para o fechamento do ano, o mesmo instituto prevê um crescimento de 3,5% sobre 1999. Observa-se, portanto, uma virada no nível de atividade do setor no País, visto que este resultado é o oposto àquele registrado no ano de 1999, quando o PIB da construção civil do País, registrou queda de 3,22%, segundo dados preliminares para o PIB brasileiro/1999 divulgado recentemente pelo IBGE.

Já o PIB global do País, segundo projeções do IPEA, deve fechar 2001 com crescimento de 4%, puxado principalmente pela indústria de transformação(5,6%).

### **2.1.3 Análise do consumo de cimento**

Outro tradicional indicador do desempenho setorial, o consumo de cimento, apresentou queda de 4,02% na comparação do acumulado nos primeiros nove meses de 2000 ante o acumulado em igual período do ano anterior. Nos últimos doze meses fechados em setembro de 2001, observa-se uma queda de 3,51% sobre os doze meses anteriores, fechados em setembro de 1999. Tal



comportamento, é o oposto àquele registrado neste último período (setembro/99), quando o consumo desse insumo no Estado crescia a uma taxa acumulada em doze meses de 5,14%.

#### **2.1.4 Nível de emprego**

O Índice de Emprego Formal (empregados com carteira) do SINDUSCON-RS registrou crescimento de 9,60% nos últimos doze meses fechados em novembro/2000 em relação aos doze meses fechados em novembro/1999. A análise da trajetória deste índice nos primeiros onze meses do ano de 2000, permite observar que as taxas mensais vistas isoladamente mantiveram-se continuamente positivas de janeiro a setembro/2000, registrando queda apenas nos meses de outubro (-1,08%) e novembro (-2,19%).

#### **2.1.5 A recuperação do nível de emprego**

As empresas que atuam no segmento do mercado imobiliário sustentaram o crescimento do nível de emprego nos últimos doze meses fechados em novembro/2000, registrando um crescimento de 16,75% no volume de contratações, na comparação com os doze meses fechados em novembro/1999. Em parte, tal resultado já era esperado, uma vez que, durante o ano de 1999, foram lançadas 2.160 unidades novas no mercado, registrando um crescimento de 65,77% em relação ao número de unidades lançadas em 1998 (1.303 unidades). Em 2000, nos últimos doze meses fechados em novembro, houve um crescimento de 22,55% no número de novas unidades lançadas, comparativamente aos doze meses anteriores

fechados em novembro de 1999. O número de lançamentos, além de funcionar como um termômetro das expectativas dos empresários que atuam no segmento em relação ao potencial demandante do mercado (se o mercado está ou não comprador), também funciona como um indicador antecedente em relação a movimentação do mercado de trabalho do setor, uma vez que a maior parte dos lançamentos é feita quando o empreendimento ainda está “na planta” existindo, portanto, um hiato de tempo entre o lançamento e o início das obras com a conseqüente alocação de mão-de-obra. Vale lembrar, também, que a base de comparação (ano de 1999) está um tanto quanto deprimida, uma vez que, neste período, o ambiente econômico do País sofria as agruras iniciais da mudança de regime cambial, realizada em janeiro de 1999, com a conseqüente e abrupta desvalorização do Real diante do Dólar, aumento da taxa de juros e seus reflexos perversos sobre a atividade produtiva.

#### **2.1.6 O volume de negócios**

Em termos de performance dos negócios no mercado imobiliário de Porto Alegre, os dados da Pesquisa do Mercado Imobiliário, realizada mensalmente pelo SINDUSCON-RS, indicam um incremento de 6,58% no volume de negócios imobiliários realizados de janeiro a novembro/2000 ante igual período do ano anterior. Já a taxa média de velocidade de vendas (relação das vendas sobre as ofertas) registrada nos últimos doze meses fechados em novembro/2000, atingiu a 7,56%, inferior ao resultado observado nos doze meses anteriores fechados em novembro de 1999, quando esta taxa foi de 8,57%. Esta redução no coeficiente médio de absorção do mercado é explicada pelo crescimento de 19,76% do

estoque médio mensal de ofertas nesta mesma base de comparação. Em termos da distribuição das vendas por faixa de valor, observa-se uma maior concentração do volume de negócios realizados envolvendo imóveis com preços de venda na faixa de valor entre R\$ 50 mil e R\$ 75 mil, que representaram, isoladamente, 41,35% das vendas acumuladas nos últimos doze meses fechados em novembro/2000. Em segundo lugar, aparecem os imóveis na faixa de valor entre R\$125 mil e R\$250 mil, representando 25,16% das vendas realizadas no mesmo período.

Em parte, a boa performance do mercado imobiliário pode ser explicada pelas condições macroeconômicas mais favoráveis, como, por exemplo, a taxa de juros, que, mesmo não tendo caído no ritmo desejado por um setor, cujos investimentos maturam no médio ou longo prazo e cujas operações financeiras relacionadas ao comprador final são em boa parte de longuíssimo prazo, ao menos a sinalização do governo é de que, já a partir do final do próximo ano, as taxas nominais anuais deverão estar próximas de um dígito.

### **2.1.7 As obras públicas e industriais**

Ao contrário das empresas que atuam na indústria imobiliária, as empresas de obras públicas mais demitiram do que admitiram ao longo do ano. Tais demissões decorreram principalmente da falta de novas contratações por parte do setor público. O índice de emprego das empresas que atuam nos segmentos de obras públicas e industriais no Rio Grande do Sul, que é uma subamostra do primeiro, referido anteriormente, registra para igual período de análise, uma queda de 0,79% na comparação dos últimos doze meses fechados em nov/2000 sobre os doze meses

anteriores fechados em nov/99. Entretanto, convém lembrar que a amplitude dessa queda é bastante inferior àquela registrada em 1999, que atingiu a 16,42%. Basicamente, tal resultado é explicado pelo incremento nas contratações privadas que vêm sendo sustentadas principalmente pelos setores da indústria de transformação do Estado com vocação exportadora e que se beneficiaram da mudança de regime cambial do início de 1999, e cujo crescimento no nível da atividade levou algumas empresas, que atuam em tais setores, a operarem próximo ao limite da capacidade instalada, dando condições para que os projetos de ampliação ou instalação de novas plantas industriais saíssem das gavetas.

### **2.1.8 O salário real médio do setor**

Outro importante indicador do nível de atividade do setor de construção é o comportamento evolutivo do salário real médio. Nos últimos doze meses fechados em novembro/2000, o salário nominal médio pago pelas empresas que atuam na construção civil gaúcha teve um crescimento de 7,50%. No entanto, o comportamento dos preços ao consumidor medidos pelo IPC-POA calculado pelo IEPE/UFRGS, que serve como deflator para fins de apuração do salário real, apresentou no mesmo período uma variação percentual acumulada de 7,74%, resultado este que se reflete numa perda de poder aquisitivo do salário real médio pago no setor, da ordem de 0,22%.

Em parte, também, o crescimento nominal do salário médio do setor, abaixo da evolução dos preços ao consumidor, é explicado pelo processo de desindexação dos preços da economia (entre eles o salário) que vem ocorrendo de forma bem-

sucedida, impedindo o retorno dos mecanismos automáticos de indexação de curto prazo, em especial da indexação salarial, que, estando arrefecida, reflete um reconhecimento implícito de que a inflação baixa é o mecanismo preferencial para a manutenção do poder de compra dos salários.

Cumprir lembrar que o sistemático acompanhamento da evolução do salário real médio, devido ao fato deste indicador servir como uma espécie de termômetro do desempenho setorial, fundamenta-se no seguinte raciocínio: o setor de construção tem como característica básica o uso intensivo do fator mão-de-obra. Sendo assim, em períodos prolongados de retração do nível de atividade, o ciclo de dispensas de trabalhadores tende a ser mais duradouro, gerando um excesso de oferta de mão-de-obra, que, por sua vez, pressionará o mercado de trabalho do setor no sentido de reduzir o poder de barganha dos trabalhadores nas negociações salariais. Contrariamente, em períodos de forte retomada da atividade econômica setorial, aplica-se o mesmo raciocínio, inversamente.

### **2.1.9 Índices de produtividade da construção civil**

*2.1.9.1 Índices de produtividade por serviços (alvenaria de blocos cerâmicos, reboco interno, armação e fôrmas) da construção civil*

Tanto a programação como o orçamento da obra baseiam-se, freqüentemente, em composições ou índices de consumo de mão-de-obra por unidade de serviço retiradas de publicações específicas.

O adequado acompanhamento da produção dos serviços faz com que a

empresa obtenha seus próprios índices, levando em conta as particularidades dos procedimentos adotados e dos operários envolvidos.

a) fórmula

$$I_{\text{prod}} = \text{HH} / Q_{\text{serv}}$$

b) descrição das variáveis

- Homens-hora (HH) – corresponde ao número total de horas trabalhadas para execução do serviço (ou parte dele). Considerar as horas de todos os operários envolvidos na execução do serviço;

- Quantidade de serviço produzida ( $Q_{\text{serv}}$ ) – quantidade de serviço levantada em projeto, segundo os seguintes critérios:

b.1) alvenaria (blocos cerâmicos) : as áreas de alvenaria são calculadas descontando-se todos os vãos. Para simplificar a medição em canteiro, quando forem executadas paredes de diferentes espessuras nominais, a quantidade de serviço levantada (em  $\text{m}^2$ ) para as diferentes espessuras de parede deve ser multiplicada pelo respectivo consumo unitário, obtendo-se um valor em número de blocos.

b.2) reboco interno: as áreas de reboco são obtidas fazendo a multiplicação dos perímetros das paredes pelas suas respectivas alturas, descontando-se as áreas de todos os vãos. Saliências, quinas ou áreas de peitoris, soleiras e encaixe de esquadrias não são consideradas.

b.3) armação: o aço deve ser medido em kg.

b.4) fôrmas: a área das fôrmas corresponde às faces de contato com o concreto. A fim de simplificar o levantamento e a medição em canteiro, a quantidade de serviço deve ser levantada por itens ou elementos de execução.

a) ciclos de produção: a medição de produtividade dos serviços deve ser feita por ciclos de produção.

Para cada ciclo de produção a quantidade total de horas gastas (HH) deve ser dividida pela quantidade de serviço produzida (em m<sup>2</sup>, kg ou n<sup>o</sup> de blocos), obtendo-se o índice de produtividade de cada ciclo.

O índice de produtividade do serviço é obtido através da média de vários ciclos. Os ciclos de produção para os serviços especificados são:

c.1) alvenaria<sup>8</sup> (blocos cerâmicos): um dia de trabalho; podem ser desconsiderados os dias em que forem executadas paredes com tijolos maciços;

c.2) reboco interno: um dia de trabalho;

c.3) armação: conclusão de uma laje; o serviço pode ser desdobrado em corte, dobragem e montagem;

---

<sup>8</sup> Particularidades da medição de produtividade da alvenaria: em cada ciclo de produção, o índice de produtividade será obtido em HH/bloco. O índice em HH/m<sup>2</sup> pode ser obtido dividindo-se este valor pelo consumo unitário padrão. O consumo unitário padrão é calculado para uma das espessuras de paredes, preferencialmente, para paredes com blocos assentados de cutelo (alvenaria de ½ vez).

c.4) fôrmas: conclusão de uma laje, incluindo montagem e desforma.

Em todos os serviços, podem-se desconsiderar medições em dias atípicos de trabalho, em outras palavras, dias em que ocorrerem situações incomuns à rotina do serviço.

A medição da produtividade por serviço pode ser feita através do *cartão de produção*. A técnica do cartão de produção permite medir o tempo dispendido por um operário ou equipe para cada ciclo de produção. Para a execução das medições são necessários: um observador, cartões de produção e croqui dos pavimentos, onde serão feitas as medições e o mapa de acompanhamento.

O *cartão de produção* deve conter dados para a identificação da obra e do serviço a ser medido, data e horário em que foi feita a medição atual e a anterior (caso as medições não ocorram sempre no mesmo horário), localização dos serviços medidos e um espaço para observações.

A fim de facilitar a localização dos serviços, torna-se necessário fazer um croqui do pavimento onde será feita a medição, identificando-se os elementos a serem medidos através de uma convenção.

O *mapa de acompanhamento* é utilizado para facilitar o acompanhamento do serviço e evitar a possibilidade de erros na marcação dos serviços já executados.

#### 2.1.9.2 Índice de produtividade global da obra



Esse índice tem o objetivo de permitir que a empresa avalie o seu desempenho global na produção, além de gerar dados para planejamento levando em conta as particularidades dos seus processos de produção.

a) fórmula

$$I_{\text{prod}} = \text{HH} / A_{\text{real}}$$

b) descrição de variáveis

b.1) Homens-hora (HH): é a quantidade de global de horas dispendidas para a execução da obra. A mão-de-obra contratada pode ser obtida das folhas de pagamento, somando-se todas as horas trabalhadas no período (não se considera as horas referentes a repouso remunerado). É considerado todo o pessoal ligado diretamente à obra: operários, mestres, etc.

Para os serviços subempreitados, os dados podem ser obtidos por consulta aos subempreiteiros.

Quando for difícil a determinação de valores de alguns tipos de serviços, podem ser utilizados os valores de HH/m<sup>2</sup> de área construída para alguns serviços.

O valor a ser utilizado no cálculo do indicador deve corresponder ao projeto padrão que mais se assemelha a obra analisada. Este valor deverá ser somado ao total de HH/m<sup>2</sup> obtidos para mão-de-obra contratada e subempreitada.

b.2) Área real global ( $A_{\text{real}}$ ): é a soma das áreas de todos os pavimentos da

edificação segundo NBR 1272/92. Não devem ser considerados os seguintes serviços no cálculo da área real global: fundações, elevadores, instalações diversas (ar condicionado, calefação, telefone interno, aquecedores, playgrounds, etc.), obras complementares (terraplanagem, urbanização, recreação, ajardinamento, ligações de serviços públicos, etc.). A periodicidade é calculada por obra construída.

### 2.1.9.3 *Tempos produtivos, improdutivos e auxiliares*

Esse índice tem por objetivo determinar as causas de deficiências gerenciais do processo e identificar as melhorias necessárias.

a) fórmulas:

$T_{\text{prod}} = \text{NOP}/\text{NOT} \times 100$ $T_{\text{aux}} = \text{NOA}/\text{NOT} \times 100$ $T_{\text{imp}} = \text{NOI}/\text{NOT} \times 100$
--

b) descrição das variáveis:

b.1) NOP (número de observações com atividades produtivas): é o tempo dispendido na execução de tarefas que agregam valor ao produto. Ex: assentamento de tijolos, concretagem de um pilar, etc.

b.2) NOA (número de observações com atividades auxiliares): tempo gasto em atividades que não agregam valor de maneira direta ao produto final. Exemplos. carga e descarga de materiais, limpeza, manutenção, recebimento de instruções, etc.

b.3) NOI (número de observações com atividades improdutivas): dividem-se em evitáveis, inevitáveis e ociosas. Evitáveis são causadas por falta de domínio no processo, suas ocorrências se dão devido a falhas de planejamento, erros de projeto, retrabalhos, etc.

Inevitáveis são ocasionadas por fatores de certa forma imprevisíveis, como interperies, greves, corte de energia, etc. Ociosas são sintetizadas pela total inatividade dos operários, podendo ser intencional ou resultantes de um estado físico de predisposição, por exemplo, a necessidade de descanso depois de um grande esforço.

A técnica utilizada para a medição destes tempos é a amostragem do trabalho. Essa técnica consiste em se realizar observações intermitentes e espaçadas ao acaso em um certo período de tempo. Para a medição é necessário um observador e uma planilha para anotações.

O observador movimenta-se por todo canteiro de obra em horários aleatórios e registra na planilha a atividade que cada operário envolvido na tarefa em análise está executando no exato momento da observação. A planilha contém para cada serviço analisado as atividades a serem observadas, classificadas em atividades produtivas, improdutivas e auxiliares; a identificação dos operários a serem observados e a data e o horário em que foram feitas as observações. Essa planilha deve ter uma elaboração individual para cada serviço a ser analisado, de acordo com a divisão das tarefas ao serviço ou processo em análise. Na prática recomenda-se que o número de divisões da tarefa esteja entre doze e quinze atividades

dependendo dos objetivos do estudo, do número de postos de trabalho ou do número de pessoas a serem observadas.

#### 2.1.9.4 *Índice de retrabalho*

Esse índice objetiva fazer uma medição das horas gastas com retrabalho em relação ao total de horas empregadas para a execução dos serviços.

a) fórmula

$$IR = HHr / HHt$$

b) descrição das variáveis

b.1) HHr (número de homens-hora de retrabalho): é o número total de horas gastas na execução do retrabalho, considerando todos os operários envolvidos.

b.2) HHt (número total de horas): é o somatório de todas as horas trabalhadas no período, desconsiderando o repouso remunerado e considerando todo o pessoal ligado diretamente à execução da obra.

Considera-se retrabalho toda vez que algum serviço for refeito a fim de corrigir erros, omissões ou mudanças nos serviços programados (projetos e especificações). A periodicidade do cálculo desse índice deve ser mensal por edificação em construção.

### **2.1.10 Perspectivas para o setor**

A construção de perspectivas favoráveis deve ser feita de forma a respeitar algumas restrições. Primeiramente, quaisquer que sejam os planos de expansão de mercado, aumento no volume de negócios, deve ser levado em consideração que a capacidade de consumo das famílias vem se deprimindo ao longo dos últimos anos, pela queda do rendimento real médio e que, apenas neste último ano, tal comportamento começou a ser revertido, mas ainda de uma forma bastante incipiente.

Por outro lado, as últimas previsões que vêm sendo feitas em relação ao comportamento do PIB do País, em que o próprio presidente do Banco Central, Armínio Fraga, já crê na possibilidade de o País obter uma taxa de crescimento da sua economia igual ou até superior a 5% em 2001, permitem vislumbrar uma melhora gradativa no nível de emprego da economia e de renda da população. Neste cenário, portanto, há um ambiente favorável à formação de expectativas positivas, que, certamente, também contribuem de forma pró-ativa na tomada de decisão do comprador de bens imóveis.

Na verdade, a viabilização de um novo ciclo de crescimento sustentado dependerá de um efetivo e definitivo avanço nas reformas estruturais (incluindo-se aí a reforma tributária, prioritariamente) e a efetiva aplicação da Lei de Responsabilidade Fiscal, as quais, conjuntamente, proporcionarão condições favoráveis a obtenção de um ajuste fiscal permanente, o qual, por sua vez, possibilitará uma queda mais acentuada das taxas de juros.

Já em relação ao Governo Estadual, de cujas ações dependem em boa parte as empresas que atuam no segmento de obras públicas, anseia-se pelo anúncio de investimentos públicos de forma sustentada na área de habitação popular, construção de escolas, presídios, estradas e saneamento básico, de forma a oferecer mais qualidade de vida e bem-estar para o conjunto da população. Em relação às obras industriais, espera-se que o governo adote uma postura mais agressiva em relação à operacionalização do Fundopem, incentivando as empresas que atuam em setores que estão apresentando melhor dinamismo na economia gaúcha a investirem na ampliação ou instalação de novas plantas industriais, que poderão, assim, oferecer mais empregos, gerando mais produção, renda, arrecadação tributária e bem-estar social.

É nesse cenário que se analisa a dicotomia sofrimento e prazer na construção civil. Acredita-se que o canteiro de obras seja um local propício para a realização dessa análise, visto que os trabalhos na construção civil são planejados em grupos em que cada grupo tem tarefas específicas, evidenciando uma divisão de trabalho taylorista e uma conseqüente clivagem entre planejamento e execução.

Por se tratar de um processo de trabalho que pressupõe vários riscos aos operários da construção civil, o medo que envolve o trabalho em si é analisado, pois, como já se enfatizou, existe uma carga de medo que deve ser superada para que possa ser realizado o trabalho de uma forma adequada.

De outra forma, analisam-se as possíveis estratégias defensivas adotadas pelos operários no canteiro de obras, a fim de superar essa carga de medo.

Conforme Dejours (1992), a eficácia simbólica da estratégia defensiva somente é assegurada pela participação do grupo trabalhador, onde ninguém pode ter medo ou demonstrar esse medo, nunca deve se falar de perigo, risco e acidente. Embora, por outro lado, exista um certo orgulho (prazer) em pertencer a esse setor de trabalho, pois pressupõe um trabalhador que possua certas características, como força, coragem e até bravura, qualidades nem sempre presentes entre operários de outras categorias.

Isso evidencia-se através de certos concursos de habilidade e bravura, estabelecidos entre os próprios operários no canteiro de obras. De acordo com Dejours (1992, p.70), “Nestes testes rivalizam-se entre si, mas ao fazê-lo, tudo se passa como se fossem eles que criassem cada risco, e não mais o perigo que se abate sobre todos, independentemente de suas vontades. Criar uma situação ou agravá-la é de certo modo dominá-la.”

Como se pode notar o canteiro de obras torna-se um local bastante propício para uma abordagem psicanalítica do processo de trabalho, da estrutura de personalidade do operário e da dicotomia sofrimento e prazer envolvida nesse contexto. Na verdade, objetiva-se relacionar essa dicotomia sofrimento e prazer com a criatividade dos operários no canteiro de obras, em outras palavras, verificar se ocorre a transformação do sofrimento em criatividade. Para isso, torna-se necessário saber quais os fatores que causam sofrimento e prazer no processo de execução de estrutura de um edifício na construção civil.

## **2.2 Problema de pesquisa**

Com base no referencial teórico adotado, na contextualização do setor da construção civil gaúcha e no interesse de pesquisa, pode-se assim enunciar o problema de pesquisa:

*“Quais os fatores que causam sofrimento e prazer no processo de execução de estrutura de um edifício em uma empresa de construção civil do Vale do Sinos?”*

Torna-se importante salientar que esse é o primeiro estudo gaúcho sobre a dicotomia sofrimento e prazer na construção civil, o que revela a relevância do tema em questão.

### **2.3 Objetivos**

Os objetivos do estudo refletem o interesse em relação ao tema (a dicotomia sofrimento e prazer na construção civil), sendo que eles procuram manter uma adequada congruência entre si.

- O objetivo geral do estudo analisar os fatores desencadeantes de sofrimento e prazer no processo de execução de estrutura de um edifício na construção civil.

Os objetivos específicos que orientam a realização do estudo são:

- Analisar o espaço de criatividade no processo de execução de estrutura de um edifício na construção civil.



- Verificar a existência ou não de estratégias defensivas no canteiro de obras e como isso funciona em relação ao comportamento dos operários e a sua criatividade.

- Verificar a existência de ressonância simbólica no processo de execução de estrutura de um edifício na construção civil e as condições necessárias para o seu surgimento.

## **2.4 Método de pesquisa**

O presente trabalho é um estudo de caso qualitativo do tipo exploratório-descritivo. O estudo de caso caracteriza-se pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, permitindo um conhecimento amplo e detalhado do mesmo (Bardin, 1979). Este método fundamenta-se na idéia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo, ou, no mínimo, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa. A experiência tem validado essa suposição, embora não seja possível sua sustentação do ponto de vista lógico. Isso porque pode acontecer que a unidade escolhida para o estudo do caso seja bastante diferente dentre as muitas de sua espécie, o que conduziria a conclusões equivocadas. Embora a amostra escolhida não seja representativa do universo, observa-se a regularidade do fenômeno.

A maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias, que é o caso da presente dissertação. Por possuir flexibilidade, é recomendável nas

fases iniciais de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema, ou quando o objeto de estudo é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal.

Determinados inconvenientes do estudo de caso podem ser minimizados através do estudo de certa variedade de casos. À medida que os pesquisadores tomam a precaução de selecionar os casos de uma forma adequada, mediante determinados critérios, torna-se provável que as conclusões do estudo possam ser generalizadas para todo o universo, com um adequado grau de confiança.

A partir disso, as informações reunidas neste estudo devem possuir um nível de detalhe adequado e serem coletadas de acordo com a direção dada pelo quadro referencial teórico adotado e refletir como os operários lidam com a dicotomia sofrimento e prazer no dia-a-dia de seu trabalho no canteiro de obras.

### **2.4.1 Histórico da empresa**

A Construtora ASB Ltda. é uma empresa atuante no ramo da construção civil, fundada em 8 de maio de 1990 no município de São Leopoldo.

#### *2.4.1.1 Objetivo*

O objetivo principal da empresa é sempre obter a satisfação total de seu cliente para com seus serviços realizados. E, para isso ocorrer, a ASB utiliza duas ferramentas básicas:

a) seriedade nos serviços prestados;

b) equipe qualificada.

#### *2.4.1.2 Serviços prestados*

Como tipos de serviços prestados pela construtora, tem-se: execução de obras, elaboração de projetos, fornecimento de mão-de-obra, execução de obras por administração e manutenção de prédios industriais.

#### **2.4.2 População e amostra**

A população está distribuída em quatro obras, situadas na cidade de São Leopoldo, sendo composta por prédios residenciais.

A amostra foi selecionada de maneira intencional considerando a acessibilidade do pesquisador e fatores relativos à obra como porte e estágio da construção. Ela é composta por quinze trabalhadores oriundos de obras de porte médio em fase de execução da estrutura (lajes, vigas, pilares).

A escolha de uma construção em fase de execução da estrutura se dá pelo fato de, nesse estágio da obra se poder contar com todos os operários responsáveis pelo início da obra (serventes<sup>9</sup>, pedreiros<sup>10</sup> e mestres-de-obra<sup>11</sup>) o que não seria possível

---

<sup>9</sup> Servente – é o ajudante-geral da obra, carrega materiais (argamassa, tijolos, etc).

<sup>10</sup> Pedreiro – é o responsável pela construção de paredes (alvenaria) e revestimentos (reboco).

<sup>11</sup> Mestre-de-obra – é o responsável geral pelo trabalho dos operários, presta contas ao engenheiro (responsável técnico pela obra).

em uma obra em fase de acabamento.

### **2.4.3 Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas e observação direta.

Nas entrevistas semi-estruturadas, os entrevistados são questionados por um curto período de tempo sobre aspectos bem definidos do tema ou assunto tratados, mas com relativa liberdade para sair do roteiro preestabelecido, quando uma informação é considerada importante. Isso proporciona rapidez e eficácia, através de discursos diretos e simples.

As entrevistas foram gravadas integralmente e depois transcritas na íntegra, sendo garantido o sigilo e o anonimato dos entrevistados.

A observação direta foi utilizada para dar informações adicionais com relação ao fenômeno estudado, com o intuito de adicionar novas dimensões para a sua análise e compreensão.

Em relação ao roteiro das entrevistas as questões formuladas foram as seguintes:

- 1) *Quando e como você começou a trabalhar em obra?*
- 2) *Do que você gosta em obra?*
- 3) *Do que você não gosta em obra?*
- 4) *Como é o seu relacionamento com os seus colegas?*

- 5) *E o seu relacionamento com o mestre?*
- 6) *E com o engenheiro?*
- 7) *Quando você está vindo para o seu trabalho, o que você está pensando?*
- 8) *A obra é perigosa?*
- 9) *Dá para sentir medo em obra?*
- 10) *Como é o trabalhar na pressão?*
- 11) *Você pode propor algo em obra? Em que situações? (criatividade)*
- 12) *Se você não precisasse trabalhar, você continuaria trabalhando? Por quê?*
- 13) *O que você sente quando passa em frente de uma obra que já trabalhaste e que agora está pronta? Qual a sua reação?*

É importante salientar que as questões foram formuladas considerando a linguagem do entrevistado. As entrevistas em cada obra foram feitas com pedreiros, serventes e mestres-de-obra.

#### **2.4.4 Análise de dados**

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (recepção) dessas mensagens. De acordo com Bardin, (1979, p.31) “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.” Ainda, segundo o mesmo autor, qualquer que for o tipo de comunicação ou qualquer transporte de significações de um

emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria ser escrito, decifrado pelas técnicas da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo poderá ser uma análise dos significados, como é o caso da análise temática deste estudo, embora possa ser também uma análise dos significantes (análise léxica, análise dos procedimentos).

O objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às suas condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não.

De acordo com Henry e Moscovici (1968) qualquer análise de conteúdo visa, não ao estudo da língua ou da linguagem, mas sim à determinação mais ou menos parcial do que se pode chamar de as condições de produção dos textos, que são o seu objeto. O que se tenta caracterizar são estas condições de produção e não os próprios textos. O conjunto das condições de produção constitui o campo da determinação dos textos.

Acredita-se que a análise de conteúdo seja a metodologia que apresente maior coerência com as contribuições da escola dejouriana, cujo método de pesquisa privilegia a escuta do discurso, com seus matizes e silêncios ao resgatar o espaço de palavra sobre o trabalho.

Esse tipo de análise, como já se viu anteriormente, é baseado em técnicas e procedimentos sistemáticos e em objetivos que descrevem os conteúdos das

informações, permitindo a inferência de conhecimentos relativos às suas condições de produção.

O método em questão é dividido em três fases.

*2.4.4.1 Pré-análise* – refere-se à fase da organização propriamente dita. Essa primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentem a interpretação final. Na verdade, a pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, abertas em oposição à exploração sistemática dos documentos.

*2.4.4.1.1 Leitura flutuante* – visa estabelecer contato com os documentos a analisar e conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações.

*2.4.4.1.2 Escolha dos documentos* – é necessário demarcar-se o universo, ou seja, o gênero de documentos sobre os quais se pode efetuar a análise. Muitas vezes, torna-se necessário a constituição de um *corpus*. O *corpus* refere-se ao conjunto dos documentos que serão submetidos aos processos analíticos. A constituição desses documentos implica escolhas, seleções e regras:

*2.4.4.1.2.1 Regra da exaustividade* – uma vez definido o campo do *corpus*, faz-se necessário ter-se em conta todos os elementos desse *corpus*. Essa regra é complementada pela de não-seletividade.

*2.4.4.1.2.2 Regra de representatividade* – a análise poderá ser efetuada desde que o material a isso se preste. Considera-se amostragem rigorosa quando a amostra for parte representativa do universo inicial. A partir disso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados para o todo. A fim de se proceder a amostragem, faz-se necessário descobrir a distribuição dos caracteres dos elementos da amostra. Um universo heterogêneo implicará uma amostra maior do que a de um universo homogêneo. De acordo com Bardin, (1979, p.97) “Nem todo material de análise é suscetível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e portanto o alcance da análise), se este for demasiadamente importante.”

*2.4.4.1.2.3 Regra da homogeneidade* – os documentos escolhidos devem ser homogêneos, ou seja, devem obedecer a critérios rígidos de escolha, não apresentando excessiva singularidade fora desses critérios de escolha. Essa regra é principalmente usada quando se deseja a obtenção de resultados globais ou a comparação entre si dos resultados individuais.

*2.4.4.1.2.4 Regra de pertinência* – os documentos selecionados devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo que correspondam ao objetivo da análise.

*2.4.4.1.3 A formulação de hipóteses e dos objetivos* – a hipótese refere-se a uma afirmação provisória a que se propões verificar através dos procedimentos de análise. De acordo com Bardin, (1979, p.98) “Trata-se de uma suposição cuja origem



é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros.”

Os objetivos referem-se à finalidade geral a que se propõem, o quadro teórico ou prático em que os resultados obtidos serão utilizados.

*2.4.4.1.4 A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores* – se os textos forem considerados uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer “falar”, o trabalho preparatório será o de escolha desses índices em função das hipóteses, caso estejam determinadas e sua organização sistemática em indicadores.

Escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros. A partir da pré-análise devem ser determinadas operações, como recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados.

*2.4.4.1.5 Preparação do material* – antes de efetuar-se a análise, o material selecionado deve ser preparado. O processo de preparação do material refere-se a uma preparação material e, algumas vezes, de uma preparação formal dos textos. Pode ir desde o alinhamento dos enunciados intactos até a transformação lingüística a fim da estandarização e classificação por equivalência.

#### *2.4.4.2 Exploração do material*

Concluída a pré-análise de uma forma adequada e conveniente, a fase de

análise refere-se à administração sistemática das decisões tomadas. Essa fase consiste, principalmente, de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

#### 2.4.4.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Os resultados brutos obtidos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise.

Se o analista possui resultados significativos e fiéis, poderá, então, propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou a outras descobertas inesperadas.

Também os resultados obtidos poderão servir de base a uma outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas.

Recapitulam-se, então, sucintamente, as três fases. A primeira fase, também chamada de *pré-análise*, desenvolve-se objetivando a sistematização das idéias iniciais colocadas no referencial teórico, além de estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. É feita com base na leitura geral das entrevistas realizadas. A segunda fase é conhecida como *exploração do material* e é realizada através da busca de dados contidos nas entrevistas. Dessa forma, o texto é recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos, etc.), em que as

unidades comparáveis tematicamente são divididas em categorias (iniciais, intermediárias e finais). As categorias finais são as que possibilitam inferências, ou seja a passagem dos significantes para o significado. A terceira fase é a da *interpretação*, sendo feito um esforço no sentido de captar tanto os conteúdos manifestos como os latentes que o material apresenta.

Neste estudo, o método de análise de conteúdo será aplicado de acordo com as seguintes etapas:

- a) transcrição na íntegra das entrevistas;
- b) leitura geral do material das entrevistas;
- c) estruturação de hipóteses no quadro referencial teórico e as indicações da leitura geral do material;
- d) recorte do material em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) comparáveis e com mesmo conteúdo semântico;
- e) construção de classes ou categorias diferentes tematicamente; essas categorias devem seguir os princípios de exclusão mútua (entre categorias), de homogeneidade (dentro das categorias), de pertinência com relação à mensagem transmitida (não distorção), da fertilidade (inferências) e da objetividade (compreensão e clareza);
- f) agrupamento das unidades de registro em unidades comuns;
- g) agrupamento progressivo das categorias iniciais em comuns e de comuns em finais.

## **CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS**

O objetivo deste capítulo é a caracterização dos processos utilizados na pesquisa para a coleta e análise de dados. São detalhadas as entrevistas, bem como a utilização da análise de conteúdo.

Com base na da leitura das entrevistas, foram definidas dezoito categorias iniciais, cujo reagrupamento resultou na obtenção de dez categorias intermediárias e três categorias finais: prazer gerado pelo trabalho em obra, sofrimento gerado pelo trabalho em obra e o significado do trabalho em obra.

### **3.1 A coleta de dados**

Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas no período de 20 de março a 13 de abril de 2001. Quinze operários de obra foram entrevistados, sendo quatro mestres-de-obra, quatro serventes, um instalador elétrico e seis pedreiros.

A empresa concedeu um espaço para a realização das entrevistas no

próprio canteiro de obras durante o horário de trabalho. As entrevistas tiveram uma duração média de quarenta e cinco minutos, foram gravadas com a prévia autorização dos entrevistados e posteriormente transcritas. Com isso foi garantido o sigilo das informações obtidas, proporcionando um primeiro contato com o material das entrevistas (discursos proferidos).

Faixa de idade (anos)	Mestre	servente	Pedreiro	Inst. Elétrico
20-25		2	3	
26-30	1	1	1	
31-35	2		1	1
36-40	1	1		
41-45				
46-50			1	

*Tabela 1 – Demonstrativo da faixa etária dos entrevistados.*

Fonte: Dados da pesquisa

Função	Casados	Solteiros
Mestre	3	1
Pedreiro	5	1
Servente	3	1
Inst. Elétrico	1	

*Tabela 2 – Demonstrativo do estado civil dos operários*

Fonte: Dados da pesquisa

Tempo	Mestre	Servente	Pedreiro	Inst elétrico
Até 1 ano				
de 1 a 3 anos		2		
de 3 a 5 anos		1	2	
de 6 a 10 anos	1		2	1
Mais de 10 anos	3	1	2	

*Tabela 3 – Demonstrativo do tempo de serviço em obra*

Fonte: Dados da pesquisa

Para a amostra em questão, a média salarial de pedreiro é de R\$ 350,00 e a de servente, R\$ 300,00.

### 3.2 Análise do conteúdo das entrevistas

A análise de conteúdo das entrevistas busca interpretações acerca da dicotomia sofrimento e prazer na construção civil.

O processo de derivação das categorias iniciou-se após a leitura de todo o material coletado. Cada uma das categorias contém um tema dominante referente a um primeiro julgamento que provoca uma cadeia de relações, ou seja, derivações. Variáveis de inferência levaram a uma categorização inicial, segundo a qual foram construídas interpretações iniciais, categorias intermediárias e finalmente as categorias finais.

Para cada uma das categorias, foi elaborado um texto onde são expressos os significados de cada unidade de análise que as compõem. As categorias iniciais, intermediárias e finais constam do Quadro 2, a seguir.

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
1- Relacionamento dos operários no canteiro 2- Relacionamento dos operários com o mestre	I - O grupo de trabalho	A- Prazer gerado pelo trabalho em obra.
3- O rádio 4- Brincadeiras em obra	II- Ambiente de trabalho no canteiro	
5- Prazer gerado pela conclusão da obra 6- Liberdade proporcionada pelo trabalho em obra 7- Aprendizado	III- Atrativos do trabalho em obra	

Continua

Categories Iniciais	Categories Intermediárias	Categories Finais
8- O medo	IV- O risco em obra	B-Sofrimento gerado pelo trabalho em obra
9- O perigo		
10- Preconceito da sociedade	V- O estigma do operário da construção civil	
11-EPI	VI- Necessidade da qualidade dos EPIs	
12- Liberdade para mudanças	VII- Espaço reduzido de criatividade	
13- Relacionamento dos operários com o engenheiro 14- Necessidade de melhoria do salário 15- Trabalho sob pressão	VIII- Aspectos a melhorar em obra.	
16- A necessidade de trabalhar	IX- Opção pelo trabalho em obra	C- O significado do trabalho
17- Facilidade de emprego na construção civil		
18- Planejamento das tarefas	X- Pensamentos a caminho da obra	

*Quadro 2 – Processo de Derivação das categorias*

Fonte: Dados da pesquisa.

### 3.3 Análise das categorias iniciais

#### a) *Relacionamento dos operários no canteiro.*

“ Tu trabalha até mais tranquilo te dando bem com o cara, porque se tu não se dá bem com o cara, tu já nem conversa ... assim tu convive, tu se dá bem com os caras, tem coisa que tu não precisa ir lá buscar: oh cara! Toca aí para mim. Tu tá contando uma piada e o outro já conta outra e assim vai, passa o dia brincando, é melhor de trabalhar, tem coisa que tu esquece, tu tá com problema, mas esquece por que o cara contou uma piada, é a melhor coisa que tem não só em obra, mas em qualquer lugar, no escritório...” (Entrevista nº 3).

“ É muito importante a relação boa assim... isso faz muito bem... a obra, a gente tem que ser que nem irmão, porque um painel, um troço pesado, tu não pega parêlho e atira pro outro assim então...todo mundo tem que forcejá, pegar junto, parêlho, pra não judiar um do outro, é como a família, todo mundo pega parêlho, um peso que poderia ser mais pesado fica mais leviano, porque todo mundo pega junto... “ (Entrevista nº 6).

“ Aqui, por exemplo, dizem que eu sou o chefe, mas aqui não tem chefe, aqui não tem chefe, são todos iguais, aqui o servente pede uma coisa para o pedreiro ele dá pede uma coisa pra mim eu dou, pronto... Aqui não tem pedreiro, servente, aqui todo mundo é pedreiro e servente, aqui todo mundo é todo mundo...” (Entrevista nº 8).

Na categoria inicial “ relacionamento dos operários no canteiro”, os operários comentam que o bom relacionamento entre a equipe de trabalho é fundamental para a produtividade em obra e que, se todos estiverem comprometidos com relação às tarefas a serem executadas no canteiro, o trabalho fica mais leve, em outras palavras, os operários demonstram a consciência que o trabalho em time é benéfico para todo o grupo, pois é um trabalho sinérgico. Inclusive, vários operários comparam o grupo de trabalho com a família, onde a união e empatia devem estar sempre presentes e o que revela, mais uma vez, o bom ambiente de trabalho presente no canteiro de obras. Enfim, é verificado um forte espírito de equipe presente na grande maioria das obras pesquisadas, proporcionado pelo bom convívio entre os operários no canteiro e pelos momentos de interação provocados pela própria organização do trabalho, como os momentos do café, do almoço e da sesta. É importante salientar que, em diversas obras, os operários inclusive repartem sua comida na hora do almoço. De outra forma, pode-se notar um ambiente propício para o surgimento de amizades no canteiro, o que contribui para o bom desempenho da equipe de operários, e o que faz com que todos apreciem o trabalho em obra, pois se sentem integrados no grupo de trabalho.



*b) Relacionamento dos operários com o mestre-de-obras*

“É diferente, os mestres são diferentes, estão ali convivendo com o cara, e eles te entendem, os caras, se tu chegou atrasado e tu explica eles vão entender... Eles sabem que não acontece só contigo, acontece com os outros também, aí é mais fácil com os caras, por isso eles entendem o cara e reconhecem o serviço do cara...” (Entrevista nº 3).

“É bom sempre brincando... o relacionamento é bom e é bom assim brincando porque dando pressão, fica xarope, né? Mandando o cara fazer. A gente brinca e trabalha, e é bom sem pressão” (Entrevista nº 6).

“ A gente já passou por pessoal que, inclusive encarregado, que diz: Vai lá que eu tô te mandando (gritando), tudo bem, vou fazer mas não dá, não cria um bom relacionamento, por exemplo, o encarregado, se ele chegar no setor e: bom dia pessoal, bom dia gurizada, né? Tudo bom aí? Aí vamo dar uma pegadinha aqui, vamo fazer isso aqui, vamos fazer aquilo, lá tá errado, isso aqui tem que melhorar...[voz calma] isso aqui, quer dizer, o espírito da coisa é manso, o espírito que gira em torno da equipe é manso, agora se tu chegar assim já botando, já forte, tem aquele que não dá bola, e tem aquele que já não gosta, e quando alguém já não gosta o ambiente não é bom, a gente aprendeu uma coisa importante, a gente precisa fazer as coisas com alegria...” (Entrevista nº 9).

Na categoria inicial “relacionamento dos operários com o mestre”, os operários enfatizam que é muito importante o estabelecimento de um bom relacionamento com o mestre a fim de que a produtividade e a motivação da equipe estejam presentes no canteiro. Além disso, os operários ressaltam a necessidade de haver uma empatia do mestre para com o operário para que esteja presente em obra um bom ambiente de trabalho. De outra forma, os operários esperam que o mestre se comporte como um verdadeiro líder, que saiba motivar o grupo em momentos difíceis, tomando a iniciativa e liderando pelo exemplo e nunca deixando de ser uma amigo do operário. Inclusive, os operários ressaltam que é muito importante para o grupo que o mestre almoce junto com eles. Para isso, torna-se importante um ambiente de trabalho onde a confiança e transparência sejam aspectos valorizados

pela equipe de trabalho. Enfim, o papel desempenhado pelo mestre vai influenciar sobremaneira a união e a integração da equipe de trabalho no canteiro, que, por sua vez, poderá trazer muitos benefícios com relação à qualidade do trabalho desenvolvido em obra.

*c) O rádio*

“ Mas é o modo da tua mente não ficar vazia que por causa se tu tá trabalhando, aí tu não tá escutando a música, tu não tá ligando para pensamentos até pode estar pensando, mas não coisa muito ruim, sabe? Tu tá escutando lá uma musiquinha e passa energias boa. Agora se tu ficar parado assim, normalmente, vai vir energias ruins, tudo ao contrário e para ti melhorar numa obra é pensar no serviço que tu tá fazendo e pensar no bem das pessoas, dos teus colegas de tudo, né? O rádio ele ajuda tu meditar sobre isso e por causa às vezes tá dando uma música ruim lá, tu fica com a tua mente lá longe, se ele... uma música que tu gosta, tu, tu, tu, bah, tu diz assim deu uma música legal, vou escutar, tu já se anima vendo aquela música, até tu canta junto, tu já faz uma segunda, terceira, uma quarta, sei lá, canta junto com o rádio é por aí...” (Entrevista nº 1).

“ Sim, isso ajuda a esquecer das coisas, eu gosto, isso é bom... esquecer muita coisa, não vou dizer que se esquece, mas se enterte, deixa um pouco as coisas de lado, passa o tempo do cara, eu acho que se toda obra tivesse um rádio até esses caras meio ignorantão, xaropão, antes de eles tá falando besteira... eu roubo, eu mato, a polícia, se tivesse escutando música, ele não ia tá falando tanta besteira e é até, por isso, que eu tenho o rádio na obra... Todo mundo tá prestando atenção não vai querer... A obra é bom por causa disso, tu tá fazendo um reboco e tá conversando com o cara do lado, batendo papo com os caras, o servente chega ali e conversa...” (Entrevista nº 3).

Na categoria inicial “o rádio”, os operários comentam que o mesmo ajuda a manter a mente ocupada com bons pensamentos e isso, por sua vez, faz com que o clima no canteiro de obras fique mais agradável e animado. O rádio também se constitui em uma distração para os operários, fazendo com que o tempo passe mais rápido e diminuindo o próprio cansaço provocado pelo trabalho no canteiro. Para os

operários, o rádio consiste em um passatempo quando, por alguns momentos, os problemas são esquecidos, ou, pelo menos, são deixados um pouco de lado. Com isso, o rádio ajuda a motivar os operários na execução de suas tarefas e torna, de certa forma, o dia mais leve para a equipe de trabalho no canteiro, pois provoca uma maior interação da equipe de trabalho, já que, muitas vezes, os operários cantam junto ou mesmo comentam alguma notícia veiculada o que mais uma vez evidencia o bom ambiente de trabalho presente no canteiro de obras.

*d) Brincadeiras em obra*

“A gente brinca de emputecer o outro, que nem esse moreno tá aqui com nós, a gente goza tu vai virar putto [risos]... Fala muita bobagem, sacanagem o dia inteiro, mas sempre dentro do ritmo do serviço, nunca parando o serviço pra brincar, é direto... dali meteu um tijolo, batendo um tijolo tá falando com fulano lá: assim, assim, vai acontecer isso contigo aí amanhã vai acontecer aquilo, tu fica esperto, tu abre teu olho [risos]. Olha, coisa monótona é tu chegar no serviço e os caras tá tudo de cabeça abaixada, tudo quieto, ali o cara tem que tá brincando, sempre na folia...” (Entrevista nº 4).

“O cara nem vê passar o dia brincando com um com outro, é muito bom, um dá piada do outro, e é assim ... trabalhando, conversando, brincando no almoço e quando vê que hora é ? 11:30 já tá na hora de parar e assim o cara nem vê, passa a hora e quando vê, já tá indo embora [risos] . Eu gosto de trabalhar em obra , depois que eu peguei aqui gostei de trabalhar em obra, nunca tinha trabalhado” (Entrevista nº5).

“ ...a nossa brincadeira é um sentado lá e outro sentado aqui e a gente dá risada, às vezes, conta uma piada entre nós aqui, piadas decente, tem piada decente que tu pode contar até dentro do meio duma família, né? Coisas que não ferem a moral de ninguém, né? Isso é importante, a nossa brincadeira é importante, aproximação de uma amizade entre uma equipe é importante, entende?” (Entrevista nº 9).

Na categoria inicial “brincadeiras em obra”, nota-se a ocorrência de diversas brincadeiras no canteiro de obras que fazem com que o trabalho torne-se mais leve

ou menos cansativo. Constatam-se também que existe uma preocupação por parte dos operários com a produtividade (brincando e trabalhando), ou seja, os operários demonstram a consciência de que as brincadeiras não podem nem devem prejudicar a produtividade e a qualidade do trabalho da equipe de operários. Além disso, existe um cuidado para que as brincadeiras realizadas não gerem qualquer ressentimento ou sejam mal interpretadas por parte de algum integrante da equipe (brincadeira decente). Percebe-se também que as próprias brincadeiras presentes no canteiro demonstram o bom relacionamento vivenciado pela equipe de trabalho, em que valores como união e confiança colaboram para a integração do grupo de operários.

*e) Prazer gerado pela conclusão da obra*

“Olha é a única vez que eu me sinto importante, é aquilo ali [risos], eu acho muito bonito a coisa que eu faço, o pessoal ali tá morando dentro, eu acho muito bonito mesmo, por isso que eu procuro, eu fazer a coisa boa, bem feitinho, pra ninguém reclamar, depois e aí eu chego aí... o dia que eu precisar de uma referência eu posso chegar aqui e dizer eu fiz isso aqui e... Eu faço devagar e faço bem-feito pra fazer uma vez só, eu passo na frente olho assim e me sinto realizado e até [risos], eu acho bonito, muito bonito...” (Entrevista nº4).

“Ah é muito bom, é a razão que dá o prazer de trabalhar é dar oportunidade através da obra das mãos da gente, de colocar uma pessoa que tá bem, ter seu leito de descanso, seu lugar para repouso... são marcas na vida da gente que levam o impulso para... [E voltar para a obra é bom quando ele já está pronta?] É muito bom isso ...quando as pessoas reconhecem... como ficou bonito o apartamento e fui eu que fiz...” (Entrevista nº 9).

“Eu sinto orgulho. [Fala um pouco mais desse orgulho.] Aconteceu de eu ir num lugar e eu me sentir bem, numa boate, que eu ajudei a fazer alguma coisa, aí eu vou lá numa casa que eu passo pela frente, eu entro na garagem e um serviço que eu fiz, eu fico olhando, assim, olhando, dou uma olhada meia assim rápida, e as pessoas que me vêem acham que eu sou um débil, né? Ficar olhando assim, mas dentro de mim eu tô ignorando elas, mas eu me sinto orgulhoso por ter ajudado a fazer aquilo ali, mas nem que as pessoas me ignorem, pra mim, não me interessa as pessoas, me interessa eu” (Entrevista nº1).

Na categoria “prazer gerado pela conclusão da obra”, percebe-se o quanto é importante para o operário deixar algo tangível (concreto) para os outros. O bem-estar gerado para as outras pessoas também é um fator de satisfação para o operário. Nota-se também que o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido é importante para o operário, ou seja, a opinião dos moradores sobre o edifício, pois a obra também funciona como uma referência do trabalho realizado pelo operário. Nos depoimentos, os operários falam do orgulho de ter colaborado na construção, das lembranças trazidas quando passam em frente do edifício, das dificuldades enfrentadas na construção, das brincadeiras, enfim, dos momentos vividos no canteiro. Os operários comentam também que sentem admiração pelo trabalho realizado. Por fim, constata-se que a construção deixa marcas significativas na vida do operário, constituindo-se em um dos maiores fatores de satisfação para o operário de obra.

*f) Liberdade do trabalho em obra*

“Eu, na minha opinião, eu acho que ver o céu, olhar o sol, me queimar, assim claro que é um pouco ruim, mas é assim mais vantajoso, porque tu respira o ar mesmo que vem de cima, aí então é a liberdade que eu vejo, e tu vê o movimento ao redor, em uma fábrica tu não tem isso, tu tá fechadão lá, tu tá concentrado no que tu tá fazendo, o que me levou a gostar de trabalhar em obra, até tentei sair mas, é que nem eu te falei já. É uma saída mais fácil, uma brecha mais, dá para pegar mais, um dinheiro legal que entra, um pouquinho a mais“ (Entrevista nº 1).

“ Coisa boa que eu acho em obra é não tem cartão pra bater, se eu quiser chegar às 6 horas, se eu querer chegar às 7 horas, eu chego, se eu querer sair às 9 da noite como na reformazinha que eu tava fazendo aqui do lado, aqui no Jardim do Vale, teve dia que a gente saiu 10 horas da noite dali fazendo concreto e daí é assim... eu acho que isso aí...eu faço meu horário, minha liberdade é essa aí,... ” (Entrevista nº 4).

“ aqui é mais... o cara trabalha mais livre, assim tu trabalha tranqüilo, né? Ninguém fica enchendo o saco, no cortume tão em cima de ti, tem que ser aquilo, faz isso, faz aquilo, tem que ser tudo certinho e tudo mais, e aqui é melhor pra mim trabalhar, aqui é melhor pra mim, é melhor trabalhar aqui do que trabalhar dentro de uma firma, né? É mais livre, assim tu trabalha tranqüilo, né? ... não tem problema nada“ (Entrevista nº 5).

Na categoria inicial “liberdade do trabalho em obra”, os operários ressaltam que a liberdade vivenciada no canteiro de obras é um dos maiores atrativos para o trabalho na construção civil. Essa liberdade inclui o contato com a natureza (sol, chuva, vento, etc.), pois o trabalho é ao ar livre. A ausência, muitas vezes, de um controle formal ou de um controle mais rígido contribui para um ambiente informal (brincadeiras, sem cartão ponto, etc.), motivando o operário a continuar trabalhando em obra, uma vez que a obra é um ambiente bem diferente do ambiente fabril. Para os operários, é muito importante essa liberdade presente no canteiro de obras, pois a mesma não é verificada em outros tipos de trabalho, sendo que isso colabora para que os operários não queiram trabalhar em outro tipo de serviço, inclusive, em alguns depoimentos, os operários afirmam ter retornado à obra por não terem conseguido se adaptar a um outro tipo de serviço, já que a liberdade vivenciada no canteiro é única.

*g) O aprendizado em obra*

“É bom mudar por que tu aprende mais na obra, tu tá aprendendo sempre a fazer as coisas, se tu nunca fez isso, aí tu não vai aprender as coisas, por exemplo, isso aí eu já sei fazer, eu queria fazer, aprender outra coisa diferente pra tu ter...Eu gosto de aprender...Eu peço opinião para o Sérgio, ele é engenheiro, como fazer esse telhado pra ficar bom eu pergunto...” (Entrevista nº3).

“Me sinto muito bem, gosto da obra, procuro sempre aprender mais, isso é muito importante, muito importante, hoje eu tô trabalhando, amanhã eu posso tá só administrando, aí que tá o detalhe, eu

quero... quanto mais eu aprender, melhor, porque eu conheço gente que diz que eu sou profissional, se o cara chegar e perguntar eu digo: eu não sou profissional, não existe profissional porque sempre existe uma coisa pra tu aprender, sempre vai ter, nunca nunca, vai mudar. Ah! Eu sou profissional, então tu não presta, então quer dizer que tu sabe tudo? Tem gente com 40, 50 anos em obra que tá sempre aprendendo também e porque eu vou dizer que eu sou profissional, eu não sou profissional, não sou mesmo, eu faço minhas coisa dentro do que eu aprendi, eu faço bem-feito só eu não me considero profissional, que eu quero sempre aprender mais, sempre, sempre..." (Entrevista nº4).

"Aprende, aprende bastante coisa. [E é bom?] Mesmo que seja servente qualquer coisinha que dá na casa dele, ele consegue dar uma consertada... isso ajuda" (Entrevista nº 11).

Na categoria inicial "o aprendizado em obra", verifica-se que o operário está muito motivado a aprender em obra, sendo o canteiro de obras um local muito propício para isso. Além disso, o operário consegue encontrar aplicações para os conhecimentos adquiridos em obra, já que pode utilizar os mesmos em sua casa, como no caso de pequenos consertos. Isso faz com que o operário tenha motivação para aprender cada vez mais em obra, visto que percebe a utilidade desse aprendizado. Com isso, existe a possibilidade de surgirem novas oportunidades de trabalho em função dos conhecimentos adquiridos, pois, na verdade, a maioria dos operários vislumbra a possibilidade de crescimento profissional na construção civil. De fato, em muitos casos, a obra é considerada como uma escola, onde o operário tem a chance de adquirir novos conhecimentos e melhorar em certos aspectos sua condição de vida. De outra forma, o aprendizado é um outro atrativo para o operário no trabalho em obra.

#### *h) O medo*

"O cara tem medo, o cara... o primeiro jáú que eu subi, eu não consegui trabalhar direito, na primeira vez por que isso aí tá sempre

balançando, balançando e é alto, né? E por mais que tu não queira olhar, tu olha, parece que tu procura para olhar, né? E a gente fazia 20, 25 m de reboco por dia e aquele dia, eu fiz uns dois metros, mas aí tu vai, tu tá ali em cima, tu te obriga a subir ali em cima, e tu vai acostumando com aquilo ali, né? Tu vai perdendo o medo, vai se acostumando com aquela altura, daí vai indo..." (Entrevista nº3).

"...tenho bastante medo, a gente faz aquele negócio de incêndio, ali, oh, aquela porcaria, ali é muito perigoso de fazer, e é só eu que faço, ninguém vem mais ali porque o negócio é perigoso e eu me cuido muito e não tem nem o que fazer, tu não existe do que botar em segurança ali, não tem... tu vai amarrar um cinto de segurança, tu vai amarrar ele aonde, se tu cair dali e vim se bater na parede é capaz de ser pior ainda, então trabalha sem o cinto que tu vai se cuidar mais, só até aqui eu posso chegar, não posso ir mais, não tem o que fazer aqui, esse é o meu medo, o Sérgio viu e também não falou nada se tivesse alguma coisa, ele já teria dito para mim. Eu tenho medo desde o primeiro andar até lá em cima, e é bom o medo porque eu tendo medo eu tô me cuidando..." (Entrevista nº4).

"Não isso aí é quando tu aí tá no alto, tu vai na beiradinha e tu vai ter que botar uma coisa aí na beirada te dá um medo, um frio, sabe né? Dá um medo...antes eu tinha mais medo, né? Que eu nunca tinha trabalhado em alto, antes eu tinha bem mais, até para subir, pra pegar o carrinho ali, aquilo chacoalhava e o cara já ficava com medo, já ia com o pé meio leviano, né? Agora tu sabe que já é o jeito, né?" (Entrevista 5).

Na categoria inicial "o medo" nota-se que o medo é vivenciado pelo grupo de operários no canteiro de obras, sendo que sua presença é vista como um benefício, pois, segundo os operários, ele contribui para que, eles, os operários, tomem mais cuidado na execução de determinadas tarefas. Constata-se que, apesar do medo presente, o operário o enfrenta cumprindo, no dia-a-dia, suas tarefas no canteiro de obras. Assim sendo, o medo é um obstáculo que é superado, ou seja, embora sentindo medo o operário de obra realiza seu trabalho no canteiro, percebe-se que o medo tem que ser enfrentado até por uma questão de sobrevivência. Na maioria dos depoimentos, os operários enfatizam que, no início, sentiam muito mais medo em determinadas tarefas, mas que, com o passar do tempo, esse sentimento foi diminuindo consideravelmente, de outra forma nota-se que os operários acostumam-



se com a vivência desse sentimento no canteiro. É importante salientar que o medo, na amostra estudada, jamais foi negado, embora alguns operários citassem que alguns colegas aparentemente não possuíam qualquer espécie de medo no trabalho, identificando-os como “loucos”.

*i) O perigo*

“O perigo vai do peão, do cara que trabalha. [E para ti?] Eu já tenho uma visão diferente, vamos dizer, se eu tô vendo que não dá para ir, eu não vou, agora tem cara que chama o cara porque ele tá lá: tu é medroso, tu é cagão. Ah, não me interessa, eu não vou, eu tô fora, não vou. Agora quando eu, é preciso eu tô aí e pá, não tem outra saída, eu vou“ (Entrevista nº 1).

“Olha, tirando o concreto, eu acho que nada mais tem perigo, não faço que nem ter certos, aí que começam a montar os painéis por fora, aí começam a caminhar em cima da alvenaria, não gosto, o cara subiu, eu mando descer, tem escada pra isso aí, trabalha com escada, mas não sobe na alvenaria, não gosto de ninguém em cima da alvenaria, não gosto, vai pegar a escada, vai trabalhar com a escada. O pessoal, às vezes, está de chinelo, aí eu olho, o que ele tá fazendo aqui, não tem no limpo, no tijolo, agora desceu pro ferro, eu quero sapato nos pé, tênis ou botina, qualquer coisa, menos chinelo agora, em cima, não tem por que, né? Aí não tem perigo, aonde tem perigo eu sei que tem o perigo, ali eu não quero, porque tu pode procurar aí um prego, e tu não vai achar um prego pra botar no pé, lá um tijolo, se deixar cair ele não vai deixar cair em cima do pé, com certeza, agora o pessoal aqui embaixo tem que tá com alguma coisa no pé botina, tênis... porque aqui ele tá carregando carrinho de tijolo, ali pode cair do carrinho e ir no pé dele, agora o cara ali pegando tijolo na mão, ali não tem problema...” (Entrevista nº 4).

“Olha tem partes que é, mas o cara tem que se cuidar, né? O cara tem ir trabalhando e se cuidando, até pode dar um tropicão, se machucar, torcer o pé, né? Tudo é perigo, né? O cara tem que ir trabalhando sempre atento, né? Tu não pode rater, né?” (Entrevista nº 6).

Na categoria final “o perigo”, os operários revelam a consciência de que determinadas tarefas no canteiro de obras apresentam muitos riscos e que é necessário uma devida atenção e cuidado na realização das mesmas. Nos

depoimentos, percebe-se que, alguns operários foram desafiados por seus colegas, que, aparentemente, não sentiam nenhuma espécie de medo ou negavam o medo vivenciado (convite ao perigo), no entanto, como todos os operários entrevistados demonstraram consciência dos riscos envolvidos no trabalho, esses desafios não foram aceitos. Os operários enfatizam também que a atenção na realização das tarefas no canteiro deve ser uma constante a fim de evitar qualquer possibilidade da ocorrência de um acidente. Por isso, o operário deve ter sempre cuidado na realização de suas tarefas em obra, pois é importante ter consciência dos riscos envolvidos nessa espécie de trabalho.

*j) Preconceito da sociedade*

“É vamos dizer assim bah, pode ver assim na sociedade, eles acham que o pedreiro, o servente são tudo uns taradão, não pode ver mulher passar que não... Mas não é só os pedreiro e os serventes que mexem, rapaz, todo homem mexe é só tá longe das esposas e das namoradas [risos] que tão lá ahhhheee [risos] É por aí, né?” (Entrevista nº1).

“Só falam coisa ruim... ele matou, roubou, é pedreiro, então matou e roubou, não precisa dizer a profissão do cara, de repente, porque não é só pedreiro que rouba e mata, tem cara aí de faculdade que é assaltante, eles que são... Pedreiro de dez um aí faz uma cagada ali e já pega fama pelos outros... eles têm profissão, têm futuro, eles defendem, já pedreiro eles esculacham... é pedreiro, peão de obra até o negócio de mexer com mulher na rua eu vi na tv... eu boto uma roupa boa e passo na frente da obra e se não mexer é que eu tô feia... Isso aí é, bem...” (Entrevista nº3).

“Geralmente tem gente que pensa que a pessoa que trabalha em obra não tem estudo, né cara? Que não tem... sei lá, que a pessoa não tem cultura nenhuma, sabe? Que trabalha naquilo ali porque é um serviço pesado...” (Entrevista nº 14).

A categoria “preconceito da sociedade” originou-se da imagem que a sociedade tem do operário de obra. Os operários relatam que os meios de

comunicação social desvalorizam a imagem e o trabalho do operário de construção perante a opinião pública, vinculando sua imagem à de um marginal. Com isso, quase todo tipo de crime, como roubo, estupro, assassinato é vinculado ao operário de obra. Além disso, o operário de obra tem também sua imagem vinculada ao estereótipo do “taradão”, pois não pode ver uma mulher passar que já está “mexendo”. A sociedade também associa a imagem do operário em obra à de uma pessoa sem cultura, educação e que trabalha no canteiro por exclusiva falta de opção, o que nem sempre é verificado, já que alguns operários entrevistados inclusive estudam à noite.

*k) Equipamento de proteção individual (EPI)*

“Olha o equipamento é essencial. Acho que a pessoa que vem trabalhar em obra, pelo menos pelo tempo que eu tenho em obra, ele deve usar porque agora eu tô forte, tu tá me vendo forte aqui, mas agora tu vem aqui daqui uns trinta anos vai me vê se eu tiver vivo até lá, e aí eu vou tá tossindo (cof, cof, cof...) e aí rapaz, e aí, sabe e a coisa estoura, aqui tu trabalha em umidade, tu molha os pés, tu pega coisas molhadas...” (Entrevista nº 1).

“Seria bom usar todo o equipamento, mas o cara não usa, não tem quem use o equipamento completo, ou esquece do capacete ou trabalha de bermuda...Tem coisa que é exagerado do cara usar... O capacete é bom, o cara tem que usar, mas tinha que inventar uma forma do capacete ser mais leve, né? Chega tarde, ele dá dor de cabeça, ele não esquenta, mas é pesado, a maioria não gosta de usar por causa disso, usa por obrigação... muito pesado, eles tinham que inventar um coisa mais leve pro cara usar, como é que o cara vai botar um negócio pesado na cabeça o dia inteirinho...?” (Entrevista nº 3).

[O que tu pensa do capacete?] “Eu trabalhei numa obra em POA e aí tinha que usar ... mas aqui nós fomos concretar na hora de trocar uma vigota... O capacete é chato porque a cabeça fica meio bamba, fica sempre balançando, mas tem que usar, o cara usa, né?” [E o cinto de segurança?] “Depende o serviço que tu vai fazer, tu é obrigado a usar o cinto, né? Ele aperta um pouco, mas não machuca, até é bom o cinto, né? O cara usar onde é preciso, tem que usar a gente usemo” (Entrevista nº 5).

Na categoria inicial “equipamento de proteção individual“, os operários ressaltam, por um lado, a importância e a necessidade do uso do EPI no canteiro de obras, pois têm consciência dos riscos envolvidos no trabalho em obra e, por outro lado, o incômodo causado pelo uso do equipamento de proteção individual. Os operários afirmam que o uso do equipamento de proteção individual, em algumas tarefas poderia ser dispensado, pois certas tarefas executadas não apresentam qualquer espécie de risco para o operário e a obrigatoriedade do uso do equipamento de proteção individual acaba gerando um grande incômodo e a conseqüente insatisfação do operário com a obrigatoriedade do uso do equipamento. É importante salientar que os operários em nenhum momento deixaram de perceber a necessidade e importância do uso do equipamento de proteção individual no canteiro, apenas questionam que seu uso poderia ser liberado para algumas tarefas mais simples.

*1) Liberdade para mudar*

“Tu experimenta alguma mudança. Normalmente, o engenheiro ou o mestre pedem para não gastar tanto alvenarite, mas se eu não por uma quantidade boa de alvenarite, essa betoneira dá seis ou sete carrinhos, então se eu botar uma quantidade pequena de alvenarite, não vai dar liga nenhuma, vai ficar uma massa seca, dura, ruim de manejar e então se eu botar mais uma quantia... hoje eu não tenho dificuldade, eu pego e já viro direto e já sei mais ou menos como ela vai ficar boa e como não, entendeu? E, normalmente, o pessoal que vem fazer aqui, ele já faz tudo errado, não sabe, então é uma questão de eu saber, mas eu já mudei, eles mandam fazer uma coisa e eu já mudo para outra, sabendo que vai dar vantagem lá. Eu faço assim e dá certo e, normalmente, eu não falo isso para eles que eu tô mudando“ (Entrevista nº 1).

“...não a massa não tem nada... é aquela quantia, né, se pede e a gente faz aquilo...faz mais forte...um pouquinho mais fraco ... e é isso aí. Eu faço sempre da mesma forma, faz tudo no projeto.“ (Entrevista nº 5).

“Eu sempre faço da mesma maneira que ele... cada obra tem um costume, né? O cara manda fazer dum jeito lá e eu faço. Aqui o que ele pede aí, eu faço e pronto” (Entrevista nº 6).

Na categoria inicial “criatividade em obra”, percebe-se que alguns operários experimentam algo no canteiro de obras, porém não há muito espaço para a criatividade, os operários acostumaram-se a receber ordens e a não questionar sob hipótese alguma, ou seja, existe uma divisão do trabalho, a divisão taylorista entre planejamento e execução (uns pensam e outros executam) e essa divisão é respeitada. A partir disso, o operário para experimentar algo age, muitas vezes, na ilegalidade a fim de liberar seu potencial criativo. A maioria dos operários, inclusive, não se importa com isso, achando normal que não possam questionar praticamente nada no canteiro. Em outras palavras, os operários estão conscientes que estão ali para cumprir ordens e pronto.

#### *m) Relacionamento dos operários com o engenheiro*

“A maioria das obras que eu trabalhei os engenheiros só vinham falar quando era muita precisão mesmo, só passava e nem cumprimentava, passava que nem eu conheço, que tem muito engenheiro que é assim, chega na obra, o servente abre o portão ele entra vai lá falar com o mestre, volta e não tem contato nenhum, não gostam muito de...peão mesmo... eu acho uma ignorância isso, nem que tu não goste do ...cara , chega e oh! tudo bom? Já é alguma coisa, né? [Isso é importante para tí?] Claro porque ninguém é bicho, o cara trabalha aí mas não é bicho, se não fosse quem trabalha aí, ninguém ia ter casa aí pra tá morando, né? E isso ninguém dá valor pra isso, né?” (Entrevista nº 3).

“Essa é a primeira obra que o engenheiro fala com o servente, é a primeira obra que eu vejo o engenheiro dizer adeus, nas outras obras não dava bom dia, boa tarde. [Isso é ruim?] É ruim porque a gente numa parte a gente separa da comunhão, né? Se ele chegar e dizer adeus pra gente, a gente vai se colocar como a gente é visto na obra, né? Se chegar um encarregado e não dizer adeus pra gente, a gente vai dizer assim, hoje ninguém me viu... não é reconhecido, e ser reconhecido é bom também, né? Dentro da obra a gente trabalha com mais vontade mesmo, a gente sabe mesmo que vai trabalhar e

vai chegar o outro e dar bom dia e chega o outro e dá boa tarde, né? E é a primeira obra que eu trabalho que o engenheiro diz adeus...“ (Entrevista nº 10).

“Não, nós não tinha relacionamento nenhum com ele, mas ele via que nós era trabalhador, ele tinha essa consciência, ele precisava do nosso trabalho, sabe? E daí nós não tinha relacionamento nenhum com ele...[Como assim? Ele falava com vocês na obra?]Não, não falava nada, nada, ele é engenheiro, né? Nós era mero servente de obra lá e ele não conversava nada, só que ele via que nós trabalhava...” (Entrevista nº8).

Na categoria inicial “relacionamento dos operários com o engenheiro”, os operários enfatizam, na maioria da vezes, a falta de um bom relacionamento com o engenheiro. Percebe-se que, em muitas ocasiões, os operários nem ao menos são considerados como seres humanos, portadores de sentimentos e necessidades, mas sim como simples unidades de produção à serviço da organização. Caracteriza-se, com isso, uma acentuada falta de reconhecimento por parte do engenheiro de que o operário é, antes de tudo, um ser humano complexo e que age e reage no ambiente de trabalho em função dos estímulos recebidos. Nos depoimentos, pôde-se notar que, às vezes, um simples bom dia ou boa tarde do engenheiro poderia servir como motivação para o operário. Por fim, verificou-se a necessidade da melhora de relacionamento entre o engenheiro e o operário de obra com o intuito de melhora das relações no canteiro e o conseqüente aumento da motivação do grupo de operários no canteiro.

#### *n) Necessidade de melhoria do salário*

“Salário... [risos] [silêncio], o cara não tá muito a par das coisaradas, daí o cara fica meio assim, né...?” (Entrevista nº 5).

“Nem saberia... só o salário né?... aqui todo mundo trabalha direitinho, a limpeza é boa e não temos o que se queixar, no caso,

seria, às vezes, comemos churrasco junto...Eu gosto da obra“ (Entrevista nº 8).

“por exemplo, nós não temos luz, vai chegar no inverno, nós largamos às 6 e aí é noite, de repente, uma instalação de luz pra gente botar uma lâmpada, trocar uma roupa, guardar uma ferramenta porque o horário que nos largamos é 6 e 6 é noite, tu sabe disso, né? Mas eu prefiria não entrar muito na questão do engenheiro... [Só?] Uma coisa que seria óbvio é pagar mais [risos] porque as obras, hoje em dia, estão numa prensa, o trabalho tá numa prensa, um prensando o outro e isso tem dificultado bastante, só que é para todos assim, o grande, o pequeno, o salário baixa, as coisas sobem, as mercadorias sobem e a gente vai ficando num espaço menor para se esquadrihar, mas a gente não fica pensando muito nisso porque tem tanta gente lá fora precisando, muito mais e não tem o que nós temos, então a gente dá graças a Deus por ter aonde todo dia pegar a mochila da gente e ir trabalhar” (Entrevista nº 9).

Na categoria “necessidade da melhoria do salário”, nota-se que, praticamente, somente o salário é considerado como um fator que pudesse ser melhorado, algumas melhoras na infra-estrutura do canteiro de obras foram citadas também, como, por exemplo, o chuveiro de água quente. Nos depoimentos, percebe-se que os operários gostam do trabalho em obra, alguns, inclusive, nem souberam definir exatamente o que poderia ser melhorado na obra. Pôde-se concluir, então, que, apesar das dificuldades vivenciadas pelos operários no canteiro de obras, eles apreciam o seu trabalho e não têm idéia de abandonar o setor da construção civil.

#### *o) Trabalho sob pressão*

“Olha eu acho ruim trabalhar sobre pressão... Eu trabalhei no ano passado bastante sobre pressão, meu pessoal não tava agüentando mais, não tavam agüentando, baah!, ali também não tinha hora para largar e quebrando concreto, só concreto, e tem que entregar, e tem que terminar, e tem que entregar, foi alugado uma máquina, e alugaram outra máquina, e outra, e não tinha jeito de terminar, o cara quebrando concreto de 80 cm de espessura e um metro e pouco de altura, ah! Ali o pessoal disse eu não tô agüentando mais, não tô agüentando mais e eu dizia: vamo lá, temo que ir, fim de ano, temo que faturar um pouquinho mais...” (Entrevista nº 4).

“Eu aprendi uma coisa que o homem pressionado ele não produz, ele não produz, pra ele produzir ele tem que estar em paz, ele tem que gostar do que faz, ter alegria no que faz e ter alegria no ambiente em que ele está trabalhando, né? Se isso não existir, dificilmente, a pessoa produz bem o que pode fazer, dificilmente porque se o ambiente não é bom qualquer coisinha que dá errado existe uma cobrança...” (Entrevista nº 9).

“Na pressão eu trabalhei em Caxias, muito tempo lá e começava 7 da manhã e chegava o engenheiro e dizia: eu quero o serviço pronto, tem que me entregar até o final da semana, tem que me entregar, senão não recebe... ou terminava ou ficava sem pagamento e aí nos terminava, trabalhava à noite até 9, 10 horas da noite e serviço pesado, né?” (Entrevista nº 3).

Na categoria “trabalho sob pressão”, nota-se a angústia provocada pela cobrança excessiva de produtividade no canteiro de obras, além disso, é constatada uma acentuada falta de empatia do engenheiro para com os operários, resultando em um ambiente de trabalho tenso no canteiro, colaborando para a perda de qualidade das tarefas realizadas. Com isso, os operários, inseridos nesse contexto, sentem-se pressionados de todas as formas, gerando uma angústia interna muito grande e interferindo na qualidade do trabalho desenvolvido pela equipe de operários no canteiro (... se não terminar, não recebe...). Inclusive, alguns operários comentam que não aceitam o trabalho sob pressão, e se forem obrigados a esse tipo de cobrança irão procurar outro serviço.

*p) A necessidade de trabalho*

“...eu parado, eu não posso...eu fico doente...acho que fico doente, eu continuaria na obra, mas aí eu ia ser o patrão e ia ter o Sérgio como meu funcionário, ia ser assim o negócio [risos]” (Entrevista nº 4).

“Eu acho que...alguma coisa tem que fazer pra não parar, né? Nem que fosse fazê só vendê lotérica, jogo do bicho... De repente, construir obra pra vender...” (Entrevista nº 7).



“Ah, porque tu tem a tua família e tu tem que lutar pra sustentar ela, né? Então o cara tem que lutar para trabalhar, né? Trabalhando o cara consegue as coisas, agora tu vai querer ficar parado que nem tem muita gente que o cara vê. Às vezes, eu trabalho também em casa, eu faço as coisas, né?” (Entrevista nº5).

A categoria inicial “a necessidade de trabalho” sintetiza o desejo do operário de continuar ativo, desenvolvendo uma atividade. Nota-se que o operário valoriza muito ter uma ocupação, em outras palavras, é fundamental para ele ter um sentimento de utilidade (poder sentir-se útil), até para suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. Nos depoimentos, evidencia-se a necessidade do operário em desenvolver alguma atividade, de manter-se em movimento, para ele, é muito importante ter o corpo e a mente ocupados. Percebe-se que a exigência do trabalho em obra faz com que o operário aprecie estar em constante movimento, de ser produtivo, sendo que ficar parado, para ele, seria muito prejudicial. De outra forma, ele está acostumado com o ritmo de trabalho imposto pela obra e se sente bem com isso. É claro que o fator de sobrevivência também é citado nos depoimentos, uma vez que, sem trabalho, o operário não pode prover o sustento dele e de sua família.

*q) Facilidade de emprego na construção civil*

“Menos dificuldade para tu pegar nela, talvez seja um passo mais fácil, se tu está num aperto, ah! Vou para a obra porque é certo o serviço” (Entrevista nº 1).

“Foi falta de emprego mesmo, trabalhava no barba pau, fazia erva, eu que fazia erva e aí a empresa quebrou, e aí eu tenho um irmão mais velho, ele é mestre-de-obra também, empreiteiro, e daí ele me levou trabalhar com ele, e daí eu comecei a fazer, né? Servente, pedreiro e aí eu fui pegando o jeito” (Entrevista nº 3).

“Eu comecei em 1989 com 14 anos em Porto Alegre, numa reforma, foi a situação que mandou entrar, não tinha nada que fazer, e o colégio não tava bom, não tava mais gostando do colégio, então

vamos para a obra com o pai... parei na sexta série, não adiantava mais ir no colégio, eu só queria namorar, brincar e coisarada, bom vou para a obra com o pai, bom, fui, entrei, gostei, meu pai falou : não quer ir pro colégio vamos pra obra, bom pelo menos vou ganhar o meu também, né? “ (Entrevista nº 4).

A categoria inicial “facilidade de emprego na construção civil” revela que a grande maioria dos operários que estão hoje no canteiro de obras entrou na construção civil por necessidade de sustento próprio ou da família ou pela facilidade de encontrar um emprego; uma parte significativa começou em obra ainda menor de idade, alguns levados pelos pais que já trabalhavam em obra. Outros, como não tinham condição de estudar optaram pela procura de um emprego. Percebe-se que o setor da construção civil é, ainda hoje, um grande gerador de emprego tendo em vista que não exige uma mão-de-obra muito qualificada. Isso é justificado porque o processo construtivo da maioria de nossas construções não ter sofrido significativas melhorias e, praticamente, ainda manter-se de uma forma quase artesanal.

*r) Planejamento das tarefas*

“Eu venho com o projeto na cabeça, como é a obra e o que eu vou fazer nesse dia, eu tô em casa pensando na obra, no ônibus, eu tô sempre pensando na obra, eu só não penso quando eu tô dormindo, ali não. Eu tô em cima do meu caderno de anotações, eu tô sempre tentando melhorar, para mim, tô sempre tentando melhorar, para mim. Eu quero uma coisa melhor para mim, eu bato aqui, eu bato ali para ver se eu consigo melhorar. Tá, eu acho que tá bom assim, mas pode melhorar mais...” (Entrevista nº 4).

“Primeiro lugar chegar aqui com saúde... eu já penso em ter um dia bom de trabalho desenvolvido, de alegria e de saúde, que eu possa fazer minhas tarefas normalmente e então não tem porque pensar outra coisa a não ser chegar aqui, eu tenho duas tarefas sair de casa chegar aqui e passar o dia trabalhando” (Entrevista nº9).

“Penso só em chegar no fim do dia e dormir cedo de noite, né cara? Cara, o que tu dorme cara e parece que não adianta, [risos] às

vezes, eu chego em casa às 7:30 h eu vou tomar um banho, vou jantar e vou dormir, né cara? Bah! Cedo demais cara [risos]... Bah! Ontem, eu tava com uma dor no pescoço, uma dor nas costas, eu tive que carregar muito tijolo, sabe?“ (Entrevista nº 14).

Na categoria “planejamento das tarefas” constata-se que, geralmente, o operário já vem pensando nas tarefas que irá fazer no canteiro, ele já vem projetando o seu dia de trabalho. Pensamentos de saúde e de que tudo corra bem no dia também são presentes, assim como pensamentos que o dia passe rápido para que o operário chegue logo em casa e possa descansar, pois, para alguns operários, o serviço no canteiro é muito cansativo. Percebe-se que a maioria dos operários tem um grande envolvimento no trabalho em obra, pois, mesmo nos momentos de descanso, muitos deles admitem que seus pensamentos giram em torno da construção. A preocupação com a produtividade e qualidade também é presente, pois, quando estão a caminho da obra, os operários já estão planejando a melhor forma de realizar suas tarefas no canteiro (pensamentos dominantes).

### 3.4 Análise das categorias intermediárias

Categorias Iniciais	Categoria Intermediária	Idéias-chave
1- Relacionamento dos operários no canteiro.  2- Relacionamento dos operários com o mestre.	I - O grupo de trabalho	- empatia - união do grupo - mestre como líder - bom ambiente de trabalho - time - motivação

Quadro 3 – Processo de derivação da categoria intermediária O grupo de trabalho

Na categoria intermediária “o grupo de trabalho”, nota-se a importância do estabelecimento de um bom relacionamento entre os operários no canteiro. Para isso, o mestre tem um papel-chave, pois deve atuar como um verdadeiro líder na obra, tendo empatia com seus operários, motivando-os nos momentos difíceis. Enfim, dando condições para a criação de um bom ambiente de trabalho, onde o grupo de operários atue como um verdadeiro time, demonstrando união, comprometimento com os objetivos que poderão gerar um aumento de produtividade.

Categories Iniciais	Categoria Intermediária	Idéias-chave
3 - O rádio 4 – Brincadeiras	II- Ambiente de trabalho no canteiro	-distração (entretenimento) - motivação - bom ambiente de trabalho - união do grupo - produtividade

*Quadro 4 – Processo de derivação da categoria intermediária Ambiente de trabalho no canteiro.*

A categoria intermediária “ambiente de trabalho no canteiro” retrata como a presença das brincadeiras (a presença do rádio foi verificada em duas obras) faz com que o ambiente no canteiro seja agradável para os operários, com isso, a união do grupo é facilitada, assim como a sua própria motivação o é.

Nota-se também uma preocupação com a produtividade no canteiro, já que os operários ressaltam que as brincadeiras não devem prejudicar o desempenho do grupo em matéria de produtividade.

categorias Iniciais	Categoria Intermediária	Idéias-chave
5 – Prazer gerado pela conclusão da obra	III-Atrativos do trabalho em obra	- orgulho
6 – Liberdade proporcionada pelo trabalho em obra		- satisfação
7 – aprendizado		- interesse em aprender
		- obra como escola
		- liberdade
		- contato com a natureza (trabalho ao ar livre)

*Quadro 5 – Processo de derivação da categoria intermediária Atrativos do trabalho em obra.*

Na categoria intermediária “atrativos do trabalho em obra”, percebe-se, inicialmente, o orgulho e a satisfação proporcionada pela conclusão da obra, na verdade, a obra constitui-se em uma marca pessoal do operário, algo que é tangível e visível para as outras pessoas. A obra também é vista como um ambiente propício ao aprendizado, sendo esse, por sua vez, muito valorizado pelo operário já que pode proporcionar no futuro uma melhor remuneração.

Outro atrativo do trabalho em obra citado pelos operários é a liberdade vivenciada no canteiro de obras, caracterizada pelo contato com a natureza (trabalho ao ar livre), um menor controle formal, ou seja, um ambiente mais informal e totalmente diferente do ambiente fabril.

Categorias Iniciais	Categoria Intermediária	Idéias-chave
8 - O medo 9 - O perigo	IV- O risco em obra	- o medo presente - benefício do medo - superação do medo - perigo presente em algumas partes da obra - consciência dos riscos envolvidos

Quadro 6 – Processo de derivação da categoria intermediária O risco em obra.

Na categoria intermediária “o risco em obra”, percebe-se, inicialmente, a consciência dos operários com relação aos riscos envolvidos no trabalho em obra. A partir disso, constatou-se que o medo, de nenhuma forma, é negado pelos operários, não obstante ele até é visto como benéfico na medida em que faz com que os operários tenham um maior cuidado e atenção na realização de suas tarefas no canteiro.

Os operários também enfatizam que determinadas tarefas ou partes da obra constituem um real risco para eles.

Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Idéias-chave
10 – Preconceito da sociedade	V- O estigma do operário da construção civil	- estereótipo do "tarado" - operário como marginal - influência dos meios de comunicação social - operário como pessoa sem cultura e estudo

Quadro 7 – Processo de derivação da categoria intermediária O estigma do operário da construção civil.

Na categoria intermediária “o estigma do operário da construção civil”, percebe-se um ressentimento dos operários com sua própria imagem que é divulgada na mídia. A mídia veicula uma imagem do operário como um marginal, o que nem sempre é verdadeiro. Os operários demonstram essa consciência na medida em que não negam que a obra também funciona com esconderijo para algumas pessoas com problemas na polícia. Por outro lado, os operários salientam que muitos não se encaixam nesse contexto. Com isso, enfatizam o estigma de pertencer a uma classe operária que é muitas vezes mal vista e, por consequência, discriminada pela sociedade em geral.

Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Idéias-chave
11 – EPI	VI- Necessidade da melhoria da qualidade dos EPIs	- incômodo do EPI, - importância e necessidade do uso do EPI  - liberdade de escolha, - melhoria do conforto do EPI.

*Quadro 8 – Processo de derivação da categoria intermediária Necessidade de melhoria da qualidade dos EPIs.*

Na categoria intermediária “necessidade da melhoria da qualidade dos EPIs”, nota-se uma insatisfação dos operários pelo uso do equipamento de proteção individual ocasionado pelo incômodo causado pelo mesmo. Por outro lado, os operários reconhecem a importância e necessidade do uso dos EPIs em determinadas tarefas no canteiro.

Notou-se também uma insatisfação por parte dos operários com relação à obrigatoriedade do uso do EPI em tarefas que, segundo eles, seu uso é dispensável. Enfim, de acordo com os relatos fica claro a necessidade da melhoria da qualidade dos EPIs, principalmente, com relação ao conforto do operário (novos materiais mais leves e resistentes poderiam ser empregados).

Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Idéias-chave
12- Liberdade para mudanças	VII- Espaço reduzido de criatividade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- espaço reduzido para ser criativo</li> <li>- influência do engenheiro</li> <li>- divisão de trabalho taylorista (planejamento/execução)</li> </ul>

Quadro 9 – Processo de derivação da categoria intermediária espaço reduzido de criatividade.

Na categoria intermediária “espaço reduzido de criatividade”, percebe-se que, no canteiro, há muito pouco espaço para o operário desenvolver alguma criatividade. Os operários estão muito acostumados a somente receber ordens sem nunca questionar, mesmo que tenham alguma opinião formada (principalmente com o engenheiro). Outros, por sua vez, experimentam algo, agindo, muitas vezes, na ilegalidade, ou seja, estão dispostos a correr riscos. Também é notada a grande influência da postura do engenheiro com relação ao espaço de criatividade: quanto mais o engenheiro for avesso ao diálogo, possivelmente menor será o espaço de criatividade no canteiro.

Enfim, acredita-se que o engenheiro desempenhe um papel essencial para o estabelecimento de um ambiente propício para a criatividade, o que colaboraria para



a melhoria da qualidade dos serviços no canteiro, assim como também para qualidade de vida do operário.

Categorias Iniciais	Categoria Intermediária	Idéias-chave
13- Relacionamento dos operários com o engenheiro 14- Necessidade de melhoria do salário 15- Trabalho sob pressão	VIII- Aspectos a melhorar em obra.	- falta de diálogo do engenheiro - falta de reconhecimento do trabalho do operário (engenheiro), - falta de empatia - salário pode ser melhorado - cobrança excessiva por uma produtividade maior - falta de infra-estrutura da obra (água quente)

Quadro 10 – Processo de derivação da categoria intermediária Aspectos a melhorar em obra.

Na categoria intermediária “aspectos a melhorar em obra”, nota-se a falta de um entrosamento maior entre o engenheiro e os operários no canteiro. Os operários têm o engenheiro como uma pessoa quase inatingível e alguns até se conformam com isso.

Por outro lado, o relacionamento do engenheiro com o mestre é bem melhor. Os operários argumentam que, às vezes, um simples cumprimento de bom dia ou boa tarde serviria de motivação para o serviço (necessidade de ser reconhecido).

Alguns comentam que o salário também poderia ser majorado. Com relação à cobrança excessiva de uma maior produtividade (trabalho sob pressão) os operários

relatam a angústia gerada e comentam as dificuldades encontradas quando são obrigados a esse tipo de trabalho.

Categorias Iniciais	Categoria Intermediária	Idéias-chave
16- A necessidade de trabalho 17- facilidade de emprego na construção civil.	IX- Opção pelo trabalho em obra	- dificuldades financeiras - boa oferta de emprego na construção civil - sentimento de utilidade do operário - sustento próprio e familiar

Quadro 11 – Processo de derivação da categoria intermediária Opção pelo trabalho em obra.

Na categoria intermediária “opção pelo trabalho em obra”, percebe-se, primeiramente, a importância do trabalho para o operário no que diz respeito ao seu sentimento de utilidade (ele precisa se sentir útil) e sua necessidade de manter-se ocupado.

A suficiente oferta de trabalho proporcionada pelo setor da construção civil também é citada pelos operários como um dos motivos pela opção de trabalho no setor da construção civil. Logicamente, a necessidade de sustento próprio e familiar constitui-se em mais um dos motivos pela opção do trabalho em obra.

Categoria Inicial	Categoria Intermediária	Idéias-chave
18- Planejamento das tarefas	X- Pensamentos a caminho da obra	- preocupação com a produtividade - prioridades - cansaço

Quadro 12 – Processo de derivação da categoria intermediária Pensamentos a caminho da obra.

Na categoria "Pensamentos a caminho da obra", percebe-se que o operário já vem pensando em quais tarefas irá realizar no canteiro de obras. Nota-se também uma preocupação com a produtividade com o intuito de evitar alguma cobrança mais forte por parte da supervisão. O cansaço também aparece em alguns depoimentos quando o operário está a caminho da obra, pois alguns somente pensam em retornar o mais rápido possível para casa a fim de poder descansar, após mais um dia de trabalho. Percebe-se também que, para alguns operários, se torna muito difícil afastar seus pensamentos da obra até mesmo nos momentos de lazer.

### 3.5 Análise da categorias finais

Categorias Intermediárias	Categoria Final	Idéias-chave
I-O grupo de trabalho em obra	A- Prazer gerado pelo trabalho em obra	- aspectos motivadores para a execução das tarefas pelos operários no canteiro de obras
II-Ambiente de trabalho no canteiro		-reconhecimento do trabalho
III-Atrativos do trabalho em obra		-liberdade -aprendizado

Quadro 13 – Processo de derivação da categoria final Prazer gerado pelo trabalho em obra.

A categoria final "Prazer gerado pelo trabalho em obra" originou-se do reagrupamento das categorias intermediárias: o grupo de trabalho, ambiente de trabalho no canteiro e atrativos do trabalho em obra. Os operários relatam que são diversos aspectos que os motivam a continuar trabalhando em obra. Primeiramente, a interação com os outros operários e o mestre (equipe de trabalho), o canteiro de

obras é um local muito propício para o surgimento de amizades. Em segundo plano, encontra-se um ambiente informal no canteiro, permeado por muitas brincadeiras (o rádio também foi encontrado em algumas obras). Um outro aspecto importante verificado no estudo foi a satisfação provocada pela conclusão da obra, nota-se nos operários um grande orgulho por fazer parte do trabalho, no caso a construção de um edifício, e poder deixar algo que pode ser visto e até admirado por outras pessoas. O fato de proporcionar moradia para pessoas constitui-se em outro fator de satisfação para o operário. Também a possibilidade de aprendizado é lembrada como mais uma motivação para trabalhar em obra.

Finalizando, os operários enfatizam o prazer em trabalhar ao ar livre, em contato com a natureza, ou seja, a obra transmite aos operários um sentido de liberdade não vivenciado em outros tipos de serviço.

Categories Intermediárias	Categoria Final	Idéias-chave
IV-O risco em obra V-O estigma do operário da const. Civil VI-Necessidade da melhoria da qualidade dos EPIs VII-Espaço reduzido de criatividade no canteiro. VIII-Aspectos a melhorar em obra	B-Sofrimento gerado pelo trabalho em obra	- trabalho perigoso - imagem do operário - desprezo pelo operário - falta de infraestrutura do canteiro - incômodo do EPI - Aspectos desmotivantes do trabalho

Quadro 14 – Processo de derivação da categoria final Sofrimento gerado pelo trabalho em obra.

A categoria "Sofrimento gerado pelo trabalho em obra" originou-se do reagrupamento das categorias intermediárias: o risco em obra, o estigma do operário da construção civil, necessidade da melhoria da qualidade dos EPIs, espaço reduzido de criatividade no canteiro e aspectos a melhorar em obra. Nessa categoria final os operários relatam os aspectos do trabalho no canteiro que geram frustrações. Primeiramente, eles consideram o trabalho em obra perigoso (alguns operários já presenciaram inclusive mortes na obra). Outro aspecto revelado pelo estudo como gerador de frustração foi a imagem do operário de obra associada quase sempre ao bandido ou marginal, uma pessoa despreparada, sem nenhum tipo de estudo ou cultura. Os operários também relatam um certo desprezo e falta de empatia com relação ao relacionamento com o engenheiro, em que o operário só é visto como uma unidade de produção e não como um ser humano com sentimentos, angústias, medos, etc. Um outro aspecto enfatizado pelos operários é o incômodo provocado pelo uso dos EPIs, principalmente o capacete, considerado muito pesado pelos operários. Porém, os operários reconhecem a importância e necessidade do uso dos EPIs em determinadas tarefas no canteiro. A falta de uma melhor infraestrutura no canteiro, como a inexistência de chuveiro quente e um local iluminado onde os operários pudessem trocar de roupa também foram citadas.

O reduzido espaço de palavra é outro aspecto que frustra o operário, pois é importante, para ele, ser reconhecido. Concluindo, constata-se que quase todos os aspectos citados podem ser melhorados no canteiro, sendo que isso poderia proporcionar um grande benefício tanto para o operário como para a empresa em termos de produtividade.

Categorias Intermediárias	Categoria Final	Idéias-chave
IX- Opção pelo trabalho em obra  X- Pensamentos a caminho da obra	C- O significado do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- produtividade no canteiro</li> <li>- facilidade de conseguir emprego</li> <li>- envolvimento no trabalho</li> <li>- planejamento</li> </ul>

Quadro 15 – Processo de derivação da categoria final O significado do trabalho.

A categoria final "O significado do trabalho" originou-se do reagrupamento das categorias intermediárias: opção pelo trabalho em obra e pensamentos a caminho da obra. Os operários contam que o trabalho em obra é muito envolvente, alguns relatam que até nos finais de semana estão pensando na obra. Outro aspecto comentado foi a facilidade de conseguir emprego na construção civil, principalmente em momentos de dificuldade e a importância de se manter ocupado/ativo para o operário (necessidade de trabalhar). Inclusive vários operários comentam que não conseguem ficar em casa nos finais de semana somente descansando.

A partir disso, os pensamentos dos operários a caminho da obra giram, na sua maioria, em torno das tarefas a realizar e do tempo disponível para as mesmas. Isso evidencia uma preocupação por parte do operário de obra em relação à produtividade.

## **CAPÍTULO 4 - CONCLUSÕES FINAIS**

Neste capítulo, apresentam-se os principais resultados provenientes da análise, retomam-se os aspectos mais significativos do referencial teórico, especialmente os referentes às relações de sofrimento e prazer e ao significado do trabalho, os quais constituem a principal linha de orientação desta pesquisa.

Torna-se conveniente, em primeiro lugar, fazer algumas considerações a respeito do método de pesquisa utilizado.

De acordo com os princípios da exclusão mútua e da homogeneidade propostos por Bardin (1979), cada elemento foi classificado em apenas uma categoria, de acordo com um único princípio de classificação. Com isso, as categorias representam, na verdade, um esforço de síntese da comunicação, destacando seus aspectos mais relevantes.

Não obstante, a análise leva a variadas dimensões de investigação, relacionando as categorias entre si, seja por características sutis ou subjetivas, seja por contradições explícitas ou implícitas.

A partir disso, o estudo leva em conta o encadeamento das categorias que, embora sigam regras que objetivam a síntese dos dados, não podem negar a riqueza e a complexidade das informações obtidas. Por isso, as categorias não foram tratadas isoladamente ou analisadas de forma estanque.

A categoria final “prazer gerado pelo trabalho em obra” descreve o que motiva o operário a continuar trabalhando no setor da construção civil.

Inicialmente, a interação provocada pelo tipo de trabalho em si motiva o grupo no canteiro de obras, pois os operários diariamente dividem momentos como o do café, do almoço e a da sesta (dormem depois do almoço). Com isso, as dificuldades, tanto de caráter pessoal como profissional são divididas, sendo que, nesses momentos, também acontecem muitas brincadeiras que ajudam a promover um bom ambiente de trabalho no canteiro. Inclusive, em várias obras, a comida é dividida entre os próprios operários o que demonstra a união do grupo e o seu bom relacionamento. É o que se pode deprender pela parte da entrevista descrita a seguir.

Entrevista nº 4: "... a gente brinca de emputecer o outro, que nem esse moreno tá aqui com nós, a gente goza tu vai virar puto [risos]... Fala muita bobagem, sacanagem o dia inteiro, mas sempre dentro do ritmo do serviço, nunca parando o serviço pra brincar, é direto... dali meteu um tijolo, batendo um tijolo, tá falando com fulano lá: assim, assim, vai acontecer isso contigo aí amanhã, vai acontecer aquilo, tu fica esperto, tu abre teu olho [risos]. Olha! Coisa monótona é tu chegar no serviço e os caras tá tudo de cabeça abaixada, tudo quieto ali, o cara tem que tá brincando, sempre na folia..."



Convém salientar que as equipes são compostas por três ou quatro operários, incluindo o mestre-de-obras.

Também foi verificado em algumas obras a presença de um rádio, que, segundo os operários, distrai e ajuda a passar o tempo, também colaborando para a motivação do grupo de operários. Por outro lado, os operários destacam a importância de não deixar de lado a produtividade da equipe, ou seja, existem brincadeiras, mas a produtividade deve ser mantida.

Pôde-se constatar que determinados grupos de trabalho constituem-se em verdadeiras equipes de trabalho, em que existe um verdadeiro trabalho sinérgico e a hierarquia fica em segundo plano; em que os operários enfatizam o nós em detrimento do eu (.. nós erramos e nós acertamos... ). Corroboram esta análise os trechos transcritos das entrevistas 9 e 1.

Entrevista nº 9: “Então, a gente usa dizer assim: erramos, esquecemos, esquecemos, às vezes não, é eu que fiz, às vezes não, é o outro que fez, mas nós esquecemos, né? Assumimos junto, nunca diz assim: Ah! Eu esqueci.”

Entrevista nº 1: “O grupo, vamos dizer não interessa se é cinco, dez, mas eles têm que ser unidos, eles têm que estar juntos, agora cada um sabe o que faz, vamos dizer, se eu não venho hoje fazer a massa, eles estão ralados, eles vão ter que tirar um de lá e vir para cá, daí o serviço que ia render não ia. É uma engrenagem.”

No estudo também foi citada a liberdade vivenciada no canteiro de obras, como o contato com a natureza, no sentido de que é um trabalho realizado ao ar livre, onde os operários estão expostos ao sol, chuva e vento, o que, no ambiente fabril, de onde muitos são oriundos, não se verifica. Aliás, muitos comparam o ambiente

fabril como uma verdadeira prisão, onde a pressão pelo aumento de produtividade é uma constante. Os depoimentos a seguir comprovam esta conclusão.

Entrevista nº 9: "... a obra é livre, a obra é livre, tá chovendo, tu tá trabalhando, quando é muita chuva, tu corre, mas deu um vento e tá levando vento nos olhos e assim por diante, é como uma colônia, serviço da roça pra quem nasceu e se criou e veio já com trinta e poucos anos da colônia não tinha porque um serviço melhor, principalmente, quando se acha uma turma boa..."

O aprendizado proporcionado pelo trabalho em obra é outro estímulo para que o operário goste do trabalho no canteiro, visto que ele vislumbra uma possibilidade de melhora de sua condição financeira se conseguir adquirir um maior número de conhecimentos. Inclusive, nota-se um grande interesse e prazer por parte dos operários em adquirir novos conhecimentos. A obra, para muitos, constitui-se em uma verdadeira escola como demonstrado nas transcrições a seguir.

Entrevista nº 4: "... gosto da obra, procuro sempre aprender mais, isso é muito importante, muito importante, hoje eu tô trabalhando, amanhã eu posso tá só administrando, aí que tá o detalhe, eu quero... quanto mais eu aprender, melhor, porque eu conheço gente que diz que eu sou profissional, se o cara chegar e perguntar eu digo: eu não sou profissional, não existe profissional, porque sempre existe uma coisa pra tu aprender, sempre vai ter, nunca, nunca, vai mudar. Ah! Eu sou profissional, então tu não presta, então quer dizer que tu sabe tudo? Tem gente com 40, 50 anos em obra que tá sempre aprendendo também, e por que eu vou dizer que eu sou profissional, eu não sou profissional, não sou mesmo, eu faço minhas coisa dentro do que eu aprendi, eu faço bem feito, só eu não me considero profissional, que eu quero sempre aprender mais, sempre, sempre..."

O bom relacionamento com o mestre também é citado como um aspecto motivante para o operário permanecer na construção civil. O mestre, na verdade, é, na maioria das vezes, considerado como um irmão, uma pessoa próxima, que possui uma grande empatia com o operário e que tem um papel fundamental no estabelecimento de um bom ambiente de trabalho no canteiro de obras.

Finalmente, os operários falam da grande satisfação de concluir a obra e deixar um trabalho tangível e visível para as outras pessoas, na verdade, os operários estão deixando a marca de seu trabalho. O fato de proporcionar moradia para outras pessoas também é citado como fonte de prazer e satisfação do operário, como se comprova pela entrevista 4.

Entrevista nº 4: “Olha é a única vez que eu me sinto importante, é aquilo ali [risos], eu acho muito bonito a coisa que eu faço, o pessoal ali tá morando dentro, eu acho muito bonito mesmo, por isso que eu procuro, eu fazer a coisa boa, bem-feitinho, pra ninguém reclamar depois, e aí eu chego aí... o dia que eu precisar de uma referência, eu posso chegar aqui e dizer eu fiz isso aqui e... Eu faço devagar e faço bem-feito pra fazer uma vez só, eu passo na frente, olho assim e me sinto realizado e até [risos] eu acho bonito, muito bonito...”

Então, o estímulo para continuar trabalhando em obra provém, resumidamente, da equipe de trabalho, do ambiente de trabalho presente no canteiro, da satisfação de realizar um trabalho que é visível, do contato com a natureza e da possibilidade de aprendizado no canteiro de obras.

Finalizando, conclui-se que o trabalho em obra no presente estudo é fonte de prazer e provedor de saúde para o operário porque na sua luta contra o sofrimento o operário consegue elaborar soluções originais que vão em direção à saúde e ao aumento da produtividade (sofrimento criativo). O trabalho constitui-se em uma fonte de prazer, principalmente, pelos momentos de interação proporcionados pela própria organização do trabalho (café, almoço, sesta, etc.).

Nos momentos de encontro, os operários compartilham suas dificuldades, consolando-se e apoiando-se mutuamente, por isso, embora presente, a divisão do

trabalho taylorista (planejamento/execução) que, muitas vezes, colabora para a desorganização do próprio fundamento do ser humano no plano individual dificultando as bases para que haja uma cooperação no grupo de trabalho (Dejours), os operários conseguem obter uma ressonância simbólica que, segundo Dejours, consistiria no quadro que tornaria possível a utilização da imaginação, da criatividade e da iniciativa operárias. Isso é verificado através da união das equipes de trabalho e do bom ambiente de trabalho presente no canteiro.

É importante salientar que as próprias brincadeiras presentes no canteiro baseiam-se no uso da imaginação e da criatividade dos operários, ao passo que a iniciativa operária é notada na postura de trabalho da equipe e sua preocupação com a manutenção da produtividade no canteiro, ou seja, mesmo com a ocorrência de muitas brincadeiras criando um clima descontraído no canteiro, a produtividade não é deixada de lado.

Conforme Dejours, (1992, p.160) “ a criatividade confere sentido porque ela traz, em contrapartida ao sofrimento, reconhecimento e identidade ”. Em outras palavras, o prazer no trabalho, obrigatoriamente, deriva do sofrimento.

Verifica-se tal afirmação, quando o operário revê uma obra na qual trabalhou anteriormente e isso lhe traz muitas lembranças dos momentos vivenciados no canteiro (bons e ruins) e do prazer propiciado pela conclusão do trabalho.

Em vista disso, enfatiza-se que o verdadeiro problema enfrentado pela administração não consiste na eliminação do sofrimento, mas sim em propiciar

condições aos operários gerirem seu sofrimento em proveito de si próprios e da organização através de sua produtividade.

Também, é importante frisar que os operários apreciam o trabalho no canteiro, apesar de determinadas dificuldades encontradas que serão evidenciadas no decorrer deste capítulo.

A categoria final “sofrimento gerado pelo trabalho em obra” retrata o que gera angústia e sofrimento para o operário de obra.

Um aspecto inicial é o risco envolvido pelo trabalho no canteiro, onde são muito presentes o medo e o perigo de algumas tarefas executadas.

De acordo com Dejours (1992, p.70),

“É por isso que os trabalhadores, às vezes, acrescentam ao risco do trabalho o risco das performances pessoais e de verdadeiros concursos de habilidade e de bravura. Nestes testes rivalizam-se entre si, mas ao fazê-lo, tudo se passa como se fossem eles que criassem cada risco, e não mais o perigo que se abate sobre todos, independentemente de suas vontades. Criar uma situação ou agravá-la é de certo modo dominá-la . Esse estratagema tem um valor simbólico que afirma a iniciativa e o domínio dos trabalhadores sobre o perigo, não o inverso”.

A característica inicial desta fachada que é a pseudo-inconsciência do perigo resulta, na verdade, em um sistema defensivo que tem por objetivo controlar o medo.

Na amostra estudada esse sistema defensivo não é verificado, pois todos os operários entrevistados estão conscientes dos riscos envolvidos no canteiro e da necessidade e importância dos equipamentos de proteção individual. De outra forma, o medo em nenhum momento foi negado e, tampouco, a existência de qualquer ideologia defensiva no tocante a esse respeito.

De acordo com Dejours (1992, p.71),

“A eficácia simbólica da estratégia defensiva somente é assegurada pela participação de todos. Ninguém pode ter medo. Ninguém deve demonstrá-lo. Ninguém pode ficar à margem deste código profissional. Ninguém pode recusar sua contribuição individual para o sistema de defesa. Nunca se deve falar de perigo, risco, acidente, nem do medo. E estas instruções implícitas são respeitadas”.

Concluindo, afirma-se que o medo é uma constante no canteiro, ele está sempre presente e é visto pelos operários como algo benéfico, uma vez que gera um maior cuidado e atenção na realização das tarefas. Com isso, verifica-se que, na amostra estudada, o medo em nenhum momento é negado, embora os operários afirmem conhecerem colegas de profissão que não sentem qualquer espécie de medo e que, algumas vezes, já foram convidados para aceitar determinados desafios que, logicamente, não foram aceitos.

Com relação ao perigo do trabalho no canteiro, os operários afirmam que somente algumas partes da obra são perigosas, entre elas, o serviço no jaú e que, com o tempo, vão superando o medo. É importante frisar que não deixam de ter medo, mas esse sentimento não gera mais tanta apreensão e angústia.

Um outro fator que desmotiva o operário é o estigma imposto pela sociedade em geral com relação a sua moral e cultura. Na verdade, o operário de obra carrega, muitas vezes, o estigma de bandido e tarado, sendo considerado como uma pessoa sem especialização nenhuma e de pouca cultura e que se sujeita a trabalhar em obra por não ter tido uma opção melhor.

O incômodo do uso do EPI no canteiro ficou evidenciado na maioria dos depoimentos. O uso do capacete causa um grande incômodo, uma vez que o mesmo é considerado muito pesado pelos operários, assim como a botina e o cinto de segurança.

A obrigatoriedade do uso dos EPIs em algumas tarefas na obra também angustia o operário. É importante salientar que o operário tem consciência da importância e necessidade do uso do EPI em determinadas tarefas que implicam risco para ele, porém ele relata que, para algumas tarefas, o EPI é dispensável e que sua obrigatoriedade de uso gera um incômodo que poderia ser evitado.

Por isso conclui-se que a qualidade dos EPIs em relação ao conforto poderia ser melhorada para que o seu uso não gerasse um grande incômodo para o operário de obra, talvez com a utilização de materiais mais leves e com elevada resistência.

O espaço reduzido para o desenvolvimento da criatividade no canteiro também é evidenciado, já que o trabalho na construção civil é tipicamente baseado na Administração Científica de Taylor, em que há uma nítida divisão do trabalho (planejamento e execução), sendo os operários especialistas em sua grande

maioria (talvez não desenvolvam uma única tarefa, mas um pequeno conjunto de tarefas predeterminadas). Com isso, evidencia-se um reduzido espaço de criatividade presente no canteiro, uma vez que os operários foram acostumados em nenhuma hipótese a questionar qualquer tipo de ordem.

Um outro aspecto evidenciado nos depoimentos foi a dificuldade enfrentada em estabelecer um bom relacionamento com o engenheiro, a maioria dos operários comenta que não tem nenhuma espécie de relacionamento com o engenheiro, já que, muitas vezes, o engenheiro nem sequer dirige a palavra ao operário. Inclusive, os operários enfatizam a importância de serem reconhecidos na obra. O reconhecimento consiste meramente em um bom dia ou boa tarde por parte do engenheiro. Eles também ressaltam a freqüente falta de empatia do engenheiro para com o operário, já que a cobrança é enorme em alguns casos, porém, quando o trabalho é bem executado, o operário não é reconhecido por isso (falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido). Os depoimentos abaixo confirmam esta constatação.

Entrevista nº 3: "Tem uns engenheiros aí que entram numa obra, ele nem te cumprimenta, mas quando surge uma oportunidade pra te xingar, ele vai te xingar, pra xingar ele gosta, não vou dizer todo mundo. Na hora de cobrar, ele cobra e xinga até muito, mas na hora boa... e isso é um problema, né?"

Entrevista nº 10: "Se ele chegar e dizer adeus pra gente, a gente vai se colocar como a gente é visto na obra, né? Se chegar um encarregado e não dizer adeus pra gente, a gente vai dizer assim, hoje ninguém me viu... não é reconhecido, e ser reconhecido é bom também, né? Dentro da obra. A gente trabalha com mais vontade, mesmo a gente sabe mesmo que vai trabalhar e vai chegar o outro e dar bom dia e chega o outro e dá boa tarde, né?"



Na mesma linha, o trabalho sob pressão foi mais um dos fatores considerados pelos operários como fonte de desmotivação em obra, embora admitam saber conviver com esse tipo de situação quando necessário.

Também a falta de uma melhor infra-estrutura do canteiro foi enfatizada pelos operários, visto que o canteiro não possui nem mesmo chuveiro quente e, tampouco, um local iluminado para que os mesmos possam trocar de roupa. O depoimento a seguir comprova esta constatação.

Entrevista nº 9: "... por exemplo, nós não temos luz, vai chegar no inverno, nós largamos às 6 e aí é noite, de repente, uma instalação de luz pra gente botar uma lâmpada, trocar uma roupa, guardar uma ferramenta, porque o horário que nós largamos é 6 h e 6 h é noite, tu sabe disso, né?"

A última categoria final foi "o significado do trabalho no canteiro de obras", em que se abordou como foi feita a opção pelo setor da construção civil e os pensamentos dos operários quando estão vindo para a obra. Nos depoimentos dos operários ficou claro que inicialmente optaram por trabalhar em obra devido à necessidade de manterem-se ocupados, ou seja, a importância de desenvolver alguma atividade. É o que se pode deprender pelo depoimento abaixo.

Entrevista nº 9: "Eu não deixaria de trabalhar porque sábado e domingo pra mim ficar parado é uma doença bah! Barbaridade. A minha casa tem duas portas, se eu disser uma quantia de vez que eu entro por uma porta e saio por outra no fim de semana que eu não tenho nada pra fazer, eu não vou arriscar dizer a quantia porque eu vou mentir, provavelmente, eu vou mentir..."

Segundo Dejours, Dessours & Desrioux (1993) desenvolver uma atividade é um ato imprescindível para as pessoas, mesmo que esse ato se baseie nos

princípios tayloristas, em que o trabalho é parcelar e especializado, pois o ato de trabalhar está ligado diretamente à sobrevivência dos indivíduos e ao seu condicionamento social. Através da atividade profissional, o operário não obtém somente um modo de ganhar a vida, mas também encontra um modo de inserção social, sendo assim o trabalho possui o poder de estruturar indivíduos, tanto face à saúde mental como à saúde física.

Também foi ressaltada a facilidade de conseguir emprego em obra, o que motiva o operário, pois gera segurança, configurando-se em uma saída mais fácil no caso de um aperto.

Com relação aos pensamentos dos operários quando estão a caminho da obra, ficou evidente que a grande maioria dos operários já vem pensando em que tarefas irá executar e de que forma (planejamento), alguns, inclusive, enfatizam que, mesmo nos finais de semana, pensam muito na obra. Com isso, pode-se concluir que a obra é bem presente nos pensamentos dos operários, mesmo quando eles não estão trabalhando no canteiro.

Então, acredita-se que a necessidade de trabalho para o operário de obra não somente visa atender a seu sustento e ao de sua família, como também é um meio de inserção social indispensável para a auto-estima do operário.

Com as três categorias finais: “prazer gerado pelo trabalho em obra”, “sofrimento gerado pelo trabalho em obra” e “o significado do trabalho em obra” procura-se demonstrar como a dicotomia sofrimento e prazer está relacionada ao

trabalho na construção civil e qual o significado do trabalho para o operário da construção civil.

Como limite do estudo, é importante salientar que este representa a realidade da empresa estudada e, logo, trata de um contexto bem específico. As conclusões obtidas não podem ser generalizadas. Contudo, há a possibilidade de utilizá-las em outros estudos em determinadas empresas que apresentem as mesmas condições.

Acredita-se que este estudo possa contribuir, mesmo de forma singela, para a melhoria das condições de trabalho do operário da construção civil, o que contribuiria para a realização de um trabalho de melhor qualidade no canteiro de obras, reduzindo, por conseqüência, a incidência dos acidentes de trabalho que, muitas vezes, vitimam os operários.

Como sugestão para novos estudos, pode-se propor a investigação da visão dos engenheiros sobre a dicotomia sofrimento e prazer presente no setor da construção civil. Também, como objeto de estudo futuro, pode-se sugerir uma investigação acerca da existência da correlação entre a motivação do operário de obra e sua produtividade no canteiro.

Conclui-se, também através do estudo, que, embora o trabalho no canteiro seja parcelar e especializado, tipicamente baseado na administração científica de Frederick Taylor, a maioria dos operários aprecia trabalhar em obra, uma vez que o grupo de operários consegue interagir no canteiro de obras devido, principalmente, aos momentos de encontro, como o do café, o do almoço e o da sesta, o que

colabora para a união do grupo e para um bom ambiente de trabalho no canteiro (evidenciado pela presença de muitas brincadeiras).

O fato de o trabalho ser desenvolvido ao ar livre e a supervisão do engenheiro ser esporádica, os operários vivenciam uma liberdade maior do que no ambiente fabril, o que também colabora para que gostem do trabalho em obra, além da oportunidade de aprendizado no canteiro.

Enfim, embora a maioria dos operários não consiga desenvolver seu potencial criativo com relação à organização do trabalho, eles conseguem ter momentos de prazer no trabalho, principalmente no momento da conclusão da obra, em que conseguem deixar para as outras pessoas um trabalho tangível que pode ser visto e admirado por todos (marcas de seu trabalho).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1AGRA, Caio. **As perspectivas do trabalho multifuncional em processos de reestruturação produtiva**. Dissertação de mestrado PPGA/UFRGS, 1998.
- 2ARAÚJO SANTOS, Francisco de, **Empresa/Organização hoje: dimensão histórica do conflito e da convergência**. Anais XVI Enampad, área organizações, p. 58-72, 1992.
- 3ARAÚJO SANTOS, Francisco de, **Qualidade nas organizações: uma reflexão histórico-cultural**. Anais XVIII Enampad, área organizações, p. 21-33, 1994.
- 4BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- 5CHANLAT, J. F. (Org.) **O Indivíduo na Organização: dimensões esquecidas**. 3ª ed., Atlas, 1996, v.1.
- 6CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 3ª ed., São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- 7CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos**. São Paulo: Atlas, 1998.
- 8DEJOURS C., ABDOUCHELI E. & JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
- 9DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**, 5ª ed., São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

- 10DE MASI, D. **O Futuro do Trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**, 5ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed da UnB, 2000.
- 11FERREYRO, M. T., PADILHA A. A. **Boletim Econômico do Sinduscon**. Porto Alegre, 2000.
- 12GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- 13HENRY, P. , MOSCOVICI. “**Problèmes de l’analyse de contenu**” em *Langages*, França, 1968,II.
- 14LAPASSADE, G. **Grupos, Organizações e Instituições**. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves Editora, 1989.
- 15LEMO, A M. **O Trabalho Prisional com estratégia de ressocialização**. Dissertação de mestrado PPGA/UFRGS, março, 1997.
- 16LEMO, L. A. P. **Uma Análise do Processo Criativo no Trabalho Multifuncional: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado PPGA/UFRGS, janeiro, 2001.
- 17MAZZILLI C. P.,LUNARDI W. D. **A Evolução do Significado do Trabalho**. *Exec.*, Porto Alegre,v 17, n.1, p. 25-31, out/nov 1995.
- 18MAZZILLI C. P.,LUNARDI W. D. **A Visão Dejouriana do Sofrimento Humano das Organizações**. *Exec.*, Porto Alegre,v 17, n.1, p. 17-24, out/nov 1995.
- 19MORGAN, G. **Imagens da Organização**. 1ª ed., São Paulo: Atlas, 1996.
- 20OLIVEIRA, M....[et al.] **Sistemas Indicadores de Qualidade e Produtividade para a Construção Civil**. 2ª ed., Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1995.
- 21RODRIGUES, M.V.C. **Qualidade de Vida no Trabalho**. 2º ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- 22SABINO, C.A. **El proceso de investigación**. Buenos Aires: El Cid, 1979.

23SENGE, P. M. **A quinta disciplina.** São Paulo, Best Seller, 1998.

24SILVA, B. **Taylor e Fayol.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

25TAYLOR F. W. **Princípios de Administração Científica.** São Paulo: Atlas, 1990.